



Universidade
Estadual de
Londrina

CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA

MARIA APARECIDA RODRIGUES DE MACEDO

PEDAGOGIA HOSPITALAR:

QUAL A FORMAÇÃO ESPECÍFICA DO PEDAGOGO PARA SUA
ATUAÇÃO NA ÁREA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR.

Londrina - PR

2009

MARIA APARECIDA RODRIGUES DE MACEDO

PEDAGOGIA HOSPITALAR:

QUAL A FORMAÇÃO ESPECÍFICA DO PEDAGOGO PARA SUA
ATUAÇÃO NA ÁREA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Londrina.

Orientador(a): Prof. Cleide Mussini Vítor
Batista.

Londrina

2009

MARIA APARECIDA RODRIGUES DE MACEDO

PEDAGOGIA HOSPITALAR:

**QUAL A FORMAÇÃO ESPECÍFICA DO PEDAGOGO PARA SUA
ATUAÇÃO NA ÁREA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Londrina.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Orientador
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Componente da Banca
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Componente da Banca
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, _____ de _____ de _____.

Dedico este trabalho aos meus pais pelo exemplo de coragem e persistência em suas metas. Aos meus irmãos que tantas vezes usurpados da minha presença mas não do meu amor, sempre torceram por mim para a concretização deste meu sonho.

AGRADECIMENTO

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que uma pessoa pode conhecer.

Ao minha orientadora Cleide Vitor Mussini Batista, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Agradeço a minha mãe Isaura, heroína que me deu apoio, incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço.

Ao meu pai que apesar de todas as dificuldades me fortaleceu e que para mim foi muito importante.

Obrigada meus irmãos e sobrinhos, que nos momentos de minha ausência dedicados ao estudo superior, sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente!

Obrigada! Primos e tias pela contribuição valiosa.

A todos os amigos minha segunda família, que fortaleceram os laços de igualdade, num ambiente fraterno e respeitoso! Jamais lhes esquecerei!

Meus agradecimentos aos amigos, Vanessa, Viviane, Susi Paulo, Luciani, Tatiane e Sueli Ulian companheiros de trabalhos e irmãos na amizade que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza.

A minha amiga Solange pela amizade e companheirismo em todos esses anos, pelos seus inúmeros conselhos que sempre disponibilizou e pelas palavras de estímulos, valeu Sol as conversas e as viagens. A você amiga Leoni que neste ano difícil não foi só uma companheira de faculdade, mas uma amiga que me deu força e colaborou muito para a minha formação profissional.

Agradeço a todos os professores por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra mestre, nunca fará justiça aos professores dedicados aos quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos.

Obrigado muito especial às minhas amigas de trabalho Elza Cristina,

Belmira, Helena e Maria José que desdobraram – se na minha falta para que eu fizesse os estágios.

Agradeço também às minhas Chefias Noemi Niekawa, Edna Massumi e Miriam pela compreensão e apoio.

Agradecimento muito especial a ONG VIVER que possibilitou o estágio para a conclusão deste trabalho.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

A todos que direto ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

MACEDO, Maria Aparecida Rodrigues de. **Pedagogia Hospitalar: Qual a formação específica do pedagogo para sua atuação na área da pedagogia Hospitalar.** 2009. 76 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

RESUMO

O pedagogo possui um papel importante na educação brasileira. Atualmente surgiram novos campos de atuação para este profissional, a classe hospitalar é um destes espaços. A justificativa da escolha do tema em questão se deu pelo fato de que muitas crianças e adolescentes perdem conteúdos escolares quando se encontram doentes gerando às vezes perda do ano letivo, bem como da busca de conhecimentos teóricos e científicos para a formação e atuação do pedagogo na continuidade do ensino escolar à criança hospitalizada, uma vez que se trata de uma atuação diferenciada onde as condições de aprendizagem fogem à rotina escolar. Dentro deste contexto, neste trabalho buscamos pesquisar quais especificidades este profissional deve ter para a sua atuação em uma classe hospitalar ou domicílio. Para atingir os objetivos propostos e visando a resposta para estas indagações realizamos o trabalho em três etapas. Primeiramente a pesquisa teve um caráter investigativo buscando-se dados teóricos sobre o assunto. Paralelo a esta pesquisa foi realizado intervenções práticas com crianças e adolescentes no espaço da Ong Viver a fim de reiterar a contribuição e necessidade do pedagogo no contexto hospitalar. E, por final, realizamos uma proposta de atividades nas diferentes áreas de ensino dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Nas intervenções realizadas foi possível averiguar e constatar a importância da classe hospitalar neste contexto como um resgate a cidadania onde muitas crianças e adolescentes são privados de desenvolver durante o afastamento da sala regular. Os resultados desta pesquisa mostram a relevante contribuição da Pedagogia Hospitalar e do pedagogo no contexto hospitalar.

Palavras-chave: Pedagogia Hospitalar. Classe Hospitalar. Formação do Pedagogo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 EDUCAÇÃO E PEDAGOGIA	14
1.1 Breve contextualização.....	15
1.2 Educação.....	18
1.3 A Educação em outros sentidos.....	20
2 CLASSES HOSPITALARES	21
2.1 História da Pedagogia Hospitalar.....	22
2.2 Classe Hospitalares.....	23
2.3 Legislação.....	25
3 A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO.....	31
3.1 Pedagogo.....	32
4 O PEDAGOGO NO HOSPITAL : UM DIÁLOGO SOBRE AS INTERVENÇÕES REALIZADAS.....	37
4.1 descrição do diálogo e das intervenções realizadas.....	38
4.1.1 Intervenção com a criança Leonardo	39
4.1.2 Intervenção com a criança Janaina.....	41
4.1.3 Intervenção com a criança Kamila	43
4.1.4 Intervenção com a criança Janaina.....	45
4.1.5 Intervenção com o adolescente Jader.....	47
4.1.6 Intervenção com a criança Gian.....	50
5 CLASSE HOSPITALAR: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADES	54
5.1 Pensando uma proposta de atividades.....	55
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
7 REFERÊNCIAS.....	73

INTRODUÇÃO

Sei que o meu trabalho é uma gota no oceano, mas sem ele o oceano seria menor. (Madre Tereza de Calcutá).

A educação possui cada vez mais um importante papel como mediadora das transformações sociais no tocante a diversidade de problemas emergentes de uma sociedade capitalista e excludente. As constantes modificações da sociedade fazem com que a formação docente desenvolva habilidades para atuação em espaços não escolares, como o hospital, atuando junto às crianças e adolescentes que devido a internação cessam mesmo que temporariamente o seu processo de escolaridade.

A partir da década de 90 os órgãos públicos no Brasil começaram a inserir a pedagogia hospitalar nas políticas públicas de educação, especialmente na área de educação especial. A Pedagogia Hospitalar tem adquirido um papel fundamental dentro da educação, pois firma-se como uma modalidade de ensino que tem como proposta acompanhar crianças e adolescentes em situações de ausência da escola, devido a uma doença ou tratamento médico prolongado no hospital ou em seu domicílio.

A pedagogia hospitalar ganha enfoque, pois há uma preocupação em fazer com que as crianças internadas ou fora da escola não percam conteúdos escolares. O trabalho existe e há uma grande movimentação de profissionais no campo de pesquisa e conscientização para que sejam implantadas classes hospitalares em todos os espaços de saúde.

A justificativa da escolha do tema em questão se deu pelo fato de que muitas crianças e adolescentes perdem conteúdos escolares quando se encontram doentes gerando às vezes perda do ano letivo, bem como da busca de conhecimentos teóricos e científicos para a formação e atuação do pedagogo na continuidade do ensino escolar à criança hospitalizada, uma vez que se trata de uma atuação diferenciada onde as condições de aprendizagem fogem à rotina escolar.

É sabido que a educação deve estar presente sempre, tendo a pessoa como um todo, independente das condições a qual esta se encontra. O Brasil é um país muito grande, neste contexto as ações políticas e sociais não chegam de maneira igual para todos, por isso a Pedagogia Hospitalar tem uma

grande importância social, oferecendo à criança ou adolescente a possibilidade de continuar o seu desenvolvimento intelectual de forma harmônica. Sendo assim, a pedagogia hospitalar, por ser um trabalho especializado, requer do profissional atuante um conhecimento amplo, pois a realidade da criança afetada por uma enfermidade interfere nos aspectos físicos, social e emocional desta e conseqüentemente no seu aprendizado.

A educação é amplamente discutida em todos os seus aspectos, e a pedagogia hospitalar vem unir-se a esta discussão, pois assistimos a uma crescente demanda de crianças hospitalizadas que necessita de atendimento escolar, fazendo-se necessário, então, o conhecimento científico e teórico a respeito do tema proposto.

O tema Pedagogia Hospitalar vem de encontro a uma realidade profissional na qual atuamos e vivenciamos diariamente. Diante desta realidade onde crianças são internadas percebemos como discente de Pedagogia as possibilidades de atuação do pedagogo em um espaço em que muitas vezes a criança e o adolescente são esquecidos como criança, adolescente e aluno, ignorando-se tudo aquilo que deixou do lado de fora do hospital vendo somente a parte clínica do seu tratamento.

Apesar de termos um conjunto de leis, declarações nacionais e internacionais que destacam a educação e a saúde como foco prioritário da promoção à vida, esses direitos estão longe de serem alcançados e/ou se tornarem realidade para as classes populares. Para exemplificar, pode-se citar a Resolução nº 41 de 13 de outubro de 1995, do Conselho Nacional de Direitos da Criança e do Adolescente, que dispõe sobre os direitos da criança e do adolescente hospitalizados. Seu texto prevê que toda criança hospitalizada tem direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde e acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar, uma vez que essas crianças, se não estivessem hospitalizadas, estariam vivenciando experiências pedagógicas e tendo seu processo cognitivo e de desenvolvimento estimulado pelo ambiente escolar. Embora a legislação reconheça o direito da criança de receber atendimento pedagógico-educacional durante o período da internação, a oferta desse tipo de serviço ainda é muito restrita, o que não oportuniza a participação de todas as crianças, gerando desigualdades à medida

que o atendimento se caracteriza como privilégio de algumas (CECCIM; CARVALHO, 1997).

Vemos ainda que as classes hospitalares apresentam formas variadas quanto aos seus atendimentos: umas dão ênfase à aprendizagem, outras se preocupam com a socialização e o lazer das crianças hospitalizadas. Outras ainda focalizam as condutas emocionais. O baixo número de classes hospitalares, os diferentes enfoques de atendimento e uma formação que não prepara o professor para atuar no ambiente hospitalar são alguns dos aspectos que apontam para a necessidade de investigações que permitam reflexões mais aprofundadas sobre o tema. Nesse sentido, na referente pesquisa nos deteremos ao aspecto de que é possível e necessário para a atuação do profissional pedagogo no ambiente hospitalar.

OBJETIVOS

- Descrever a importância e as contribuições da Pedagogia Hospitalar para a educação de crianças e adolescentes no ambiente hospitalar;
- Averiguar como acontecem as ações pedagógicas no contexto hospitalar;
- Discutir a formação do pedagogo para a sua atuação em uma classe hospitalar;
- Elaborar uma proposta de atividades nas diferentes áreas de ensino dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Pensando em entender a formação do pedagogo e a sua ação pedagógica para com a criança e o adolescente doente, tendo a pedagogia hospitalar como elemento de concretização neste espaço, é que se pretende delinear essa pesquisa em cinco capítulos.

O Capítulo 1. concerne às investigações do conceito de pedagogia para alguns autores como Demerval Saviani que coloca a estreita ligação da Pedagogia com a filosofia; Ghiraldelli a conceituação de pedagogia a condução da

criança ao saber e, para Libâneo como um campo de estudo com problemáticas próprias a ciência que se preocupa com o saber. Também, neste capítulo abordamos o conceito do que é educação na intenção de abordar o entendimento de estudiosos da área.

No Capítulo 2. realizamos um breve histórico da Pedagogia no Brasil, a definição e constituição das classes hospitalares sendo posteriormente abordadas as leis que fundamentam a sua implantação bem como os direitos da criança e adolescente de ser acompanhado por um profissional pedagogo durante o período em que se encontrar acometido por uma doença, internado no hospital ou em domicílio.

O assunto a ser discutido, no Capítulo 3 foi a formação do pedagogo e de suas especificidades para atuação em uma classe hospitalar.

No Capítulo 4 relatamos o diálogo estabelecido com as crianças durante as intervenções realizadas como parte prática desta pesquisa.

Elaboramos uma proposta de atividades nas diferentes áreas de ensino dos anos iniciais do Ensino Fundamental descritas no Capítulo 5.

Considerando que nos três primeiros capítulos a atenção esteve dirigida na exposição de conceitos retirados dos escritos de diferentes autores e leis, nos dois últimos capítulos e nas Considerações Finais buscamos justificar por meio dos relatos a importância da Pedagogia Hospitalar para a educação, bem como descrevemos o aprendizado durante a realização desta pesquisa, as nossas observações e as considerações a respeito deste tema.

Por fim, salientamos que os três primeiros capítulos possuem um caráter essencialmente informativo, sendo constituído por conceitos pesquisados na bibliografia referente ao tema, diferentemente do quarto capítulo destinado à descrição das intervenções realizadas com crianças na ONG Viver e do quinto capítulo onde buscamos contribuir com a prática deste pedagogo elaborando uma proposta de atividades nas diferentes áreas de ensino dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

CONTEXTUALIZAÇÃO METODOLÓGICA

Os procedimentos metodológicos da pesquisa destacaram as características da Ong Viver, ela foi criada no ano de 2001, pelos voluntários que

atuavam há vários anos no ICL (Instituto do Câncer de Londrina), fazendo um trabalho de apoio com os pequenos e seus familiares internados em tratamento naquela instituição.

O trabalho da ONG Viver é desenvolvido por voluntários quais tem o intuito de contribuir com atividades recreativas, culturais, lazer, suporte psicológico, nutricional, dentários chegando até mesmo em ajuda financeira ou compra de alimentos para famílias carentes que lá freqüentam. Para tal os recursos desse trabalho depende das famílias dos voluntários, amigos, vizinhos, ou seja, todos que querem ajudar a amenizar dor e sofrimento dos enfermos que lá freqüentam. A ONG é uma entidade sem fins religiosos, lucrativos ou políticos, seu foco é suprir as necessidades daquelas pessoas invadidas bruscamente por esse intruso conhecido como câncer. A VIVER tornou-se para seus freqüentadores um refugio onde eles se distraem, brincam, conversam trocando experiências apoiando uns aos outros enquanto aguardam para serem atendidos.

Tais indivíduos que freqüentam a ONG Viver são em sua maioria de nível socioeconômico baixo e geralmente são procedentes de zonas urbanas e rurais da região de Londrina, como também dos demais municípios do Norte do Paraná.

A Organização VIVER foi fundada pelos voluntários que atuavam há vários anos no ICL (Instituto do Câncer de Londrina). É uma entidade sem fins lucrativos, politico-partidária ou religiosa, cujo objetivo principal é suprir as necessidades das crianças e adolescentes internados e em tratamento, além de suas famílias. O atendimento é voltado para pacientes atendidos pelo SUS, sem convênio médico, o que indica que geralmente as famílias são de baixo poder aquisitivo, quando não, extremamente pobres. (BATISTA, 2005 p. 62).

PROCEDIMENTOS

Para adquirir os resultados pretendidos, esta pesquisa dividiu-se em duas etapas. A seguir tem-se o detalhamento desta.

A primeira fase refere-se ao levantamento bibliográfico. Uma pesquisa bibliográfica desenvolve-se ao longo de uma série de etapas: a escolha do tema, a formulação do problema do problema, leitura do material, fichamento. (GIL, 2006).

Na primeira fase o objetivo foi levantar dados bibliográficos sobre o tema da pesquisa.

A partir dos objetivos do presente trabalho, realizaram-se intervenções pedagógicas com crianças em idade escolar na ONG Viver. As referidas crianças são pacientes do Instituto do Câncer de Londrina e que periodicamente se deslocam à cidade para avaliação médica, exames de rotina, investigação ou se encontram internadas.

Estas intervenções possuem como objetivo descrever ações pedagógicas do professor numa classe hospitalar, observar o comportamento da criança diante a realização de uma atividade escolar, mediante a uma instabilidade física e emocional devido a uma doença, a importância e as contribuições da pedagogia hospitalar de crianças e adolescentes neste contexto.

As informações foram coletadas a partir de atividades escritas, desenhos e conversas durante a realização das atividades propostas.

NOME _____

Capítulo 1

Observe:

Educação e Pedagogia

Estas borboletas estão na ordem crescente, ou seja, da menor para a maior.



Aqui as borboletas estão na ordem decrescente, ou seja, da maior para a menor.



1.1 PEDAGOGIA: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

A conceituação do termo Pedagogia é discutida por vários autores da área, portanto se faz necessário uma breve definição mesmo que sucintamente para um bom entendimento dos assuntos a serem abordados no decorrer deste trabalho, em virtude das várias linhas pedagógicas de ensino – aprendizagem que se tem surgido e de suas ambiguidades. Para discorrer sobre Pedagogia é de fundamental importância colocar que o processo educativo sempre esteve presente nas civilizações desde os seus primórdios.

Segundo Saviani desde a Grécia tem-se feito uma dupla referência para o conceito de Pedagogia. O mesmo apresenta uma definição de que a pedagogia desenvolveu-se por um lado ligada à filosofia, elaborada em função da ética que guia a atividade educativa, no sentido empírico a pedagogia é entendida como formação para a vida, reforçando o aspecto metodológico presente na etimologia da pedagogia como meio, caminho para a condução da criança. (SAVIANI, 2007.p. 100)

Para Saviani (2007.p 100) a pedagogia se desenvolveu em íntima relação com a prática educativa, constituindo-se como a teoria ou ciência dessa prática sendo, em determinados contextos, identificada com o próprio modo intencional de realizar a educação.

Em Ghiraldelli (1981, p.8) ressalta o seguinte: que embora haja essa problemática da utilização da pedagogia como sinônimo de educação, quando desejarmos rigor deve-se adotar uma postura científica.

Diante da relação de sinônimos em que se colocam os termos pedagogia e educação Ghiraldelli diz que:

A Pedagogia literalmente falando tem o significado de condução da criança [...] está ligada diretamente ao ato de condução do saber tendo a preocupação com os meios, com as formas e maneiras de levar o indivíduo ao conhecimento. (1991, p.8).

Libâneo (2001, p.30) define Pedagogia como um campo de estudo com identidade e problemáticas próprias, compreendendo os campos da ação educativa e sua contextualização, tais como o aluno como sujeito do processo de socialização e aprendizagem. Para o autor a “Pedagogia ocupa-se de fatos, dos processos educativos, métodos maneiras de ensinar, com um significado bem mais

amplo, bem mais globalizante, compreendendo o processo educa como diretriz orientadora da ação educativa”.

Ainda sobre a definição de Pedagogia, Libâneo argumenta que:

A Pedagogia é uma área de conhecimento que investiga a realidade educativa no geral e no particular, mediante conhecimentos científicos, filosóficos e técnicos profissionais buscando explicitação de objetivos e formas de intervenção metodológicas e organizativas em instâncias da atividade educativa implicada no processo de transmissão/ apropriação ativa de saberes e modo de ação. (2001, p. 44)

O estudo sistemático da prática educativa na sociedade é uma área de conhecimento da pedagogia, se tornando elemento básico dessa atividade humana. Nesse sentido educação para o autor:

É o conjunto das ações, processos, influências estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais. (LIBÂNEO, 2001, p. 22)

A Pedagogia não é a única área que tem a educação como objeto de estudo, porém a mesma tem a finalidade de integrar as outras áreas de conhecimento tendo a sua ação diferenciada.

Sobre este aspecto a Pedagogia para Libâneo:

Constitui-se, pois, como campo de investigação específico cuja fonte é a própria prática educativa e os aportes teóricos providos pelas demais ciências da educação e cuja tarefa é a compreensão, global e intencionalidade dirigida, dos problemas educativos. (LIBÂNEO 2001, p. 45).

Sendo assim a existência da Pedagogia se justifica pela mesma se responsabilizar pela sistematização das práticas educativas existentes em uma sociedade, considerado estas práticas um processo fundamental das relações humanas, investigando as finalidades e processos necessários às práticas educativas propondo a realização destes processos nos contextos existentes em que as práticas ocorrem.

Garrido (1996, p.13) coloca que se têm considerado Pedagogia como um conjunto de enunciados baseados em outras ciências ou em uma filosofia, porém em sua história a pedagogia encontra-se o centro de sua definição: a reflexão sobre a prática educativa por meio das Ciências Sociais e Humanas delimitando o ser do ato educativo.

Para Garrido há muito tem se discutido a respeito da especificidade da Pedagogia em relação às outras ciências da educação e suas contribuições com o fenômeno educativo.

Conforme a autora (1996, p. 39) discutir a pedagogia como sendo uma ciência da educação permite não confundi-la com outras possibilitando situar as relações entre a prática social da educação, a pedagogia e a didática.

A Pedagogia como Ciência da Educação, e a Educação enquanto prática social desconstrói o caráter utópico entendido como intencionalidade na investigação, diferentemente das demais Ciências Humanas. (GARRIDO, 1996, p. 49).

Sobre isto Garrido (1996, p. 50) *apud* Quintana Cabanas escreve:

A pedagogia não se dilui nas ciências da educação, e afirma - a como ciência prática e normativa da educação, preocupada com ação de educar, com o ato educativo e com a intervenção nesse ato, para qual se dirige a um só tempo com a intenção de conhecê-lo e de transformá-lo, munida, portanto de uma intencionalidade, de um projeto.

Em razão dos processos sociais de transformações políticas e econômicas houve o surgimento de várias práticas educativas, fazendo com que a pedagogia ampliasse o seu campo de atuação. A educação passa a ter um importante valor no desenvolvimento humano e no processo de transformação social dos indivíduos e nas relações humanas, sendo desenvolvida nas instituições formais e não-formais de ensino.

Em Brandão como já citado anteriormente, salienta que a educação ocorre em todos os campos e ações da sociedade fazendo com que a prática educativa seja diferente.

Para Libâneo (2001, p. 23) o campo educativo é bastante amplo ocorrendo em vários lugares, apresentando diversas modalidades e práticas educativas. Tendo mencionado no parágrafo anterior a existência de diversas modalidades e práticas educativas. Torna-se importante citá-las e distingui-las.

Educação Informal corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações dos indivíduos e grupos com seu ambiente humano, social, ecológico, físico e natural, das quais resultam conhecimentos, experiências, práticas, mas que não estão ligadas especificamente a uma instituição, nem são intencionais e organizadas. **Educação não Formal** seria a realizada em instituições educativas fora dos marcos institucionais, mas com certo grau de sistematização e estruturação. **A educação Formal** compreenderia instâncias de formação, escolares ou não, onde há objetivos educativos explícitos e uma ação intencional institucionalizada, estruturada, sistemática. (p.23)

Em Libâneo (2001, p. 24) o autor relata que se “há varias práticas educativas, em muitos lugares e sob variadas modalidades, há, por consequência várias Pedagogia: a pedagogia familiar, a pedagogia sindical, a pedagogia dos meios de comunicação etc., e também a pedagogia escolar”.

Sendo uma destas variedades de pedagogia, a Pedagogia Hospitalar objetivo desta pesquisa, a mesma será explicitada em um capítulo posteriormente.

1.2 EDUCAÇÃO

A educação de um modo ou de outro está presente em nossa vida diária, em instituições específicas de ensino ou não, com intencionalidades e finalidades explícitas de aprendizagem mediante uma ação consciente, para saber, para conviver, para fazer, misturamos a vida com ela, não existindo um modelo ideal. (BRANDÃO, 2005, p.7)

De acordo com Brandão (2005, p.10) não há uma forma única, e nem um modelo de educação. Ela está presente em todos os segmentos da sociedade, podendo ser livre entre todos como um instrumento em que as pessoas criam para tornar comum o saber que é comunitário, como bem, como trabalho ou como vida. A educação pode ainda revelar-se como imposição de um poder centralizado como arma para reforçar a desigualdade, na divisão dos bens, do trabalho, dos direitos. Assim:

A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem, e praticam, para que elas reproduzem, entre todos os que ensinam e aprendem o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de condutas, às regras do trabalho, os segredos da arte ou religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reivindicar, todos os dias, a vida do grupo e de cada um de seus sujeitos, através de trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda explicar – às vezes a ocultar, às vezes a inculcar – de geração a geração, a necessidade da existência de sua ordem. (BRANDÃO, 2005, p.10)

Para Libâneo existem várias definições para educação, bem como as correntes e seus autores, mas há uma unanimidade entre estes em considerar a educação como um processo de desenvolvimento, atuando na configuração da

personalidade a partir de determinadas condições internas do indivíduo. Segundo o autor o homem se desenvolve e se transforma continuamente, sofrendo influências da educação confirmando a personalidade a partir das condições internas do indivíduo. (LIBÂNEO, 2001, p.66).

Para melhor compreensão do termo educação enquanto ação de ensinar é importante sua definição em seu sentido etimológico. Segundo Libâneo (2001, p.64) alguns autores apontam duas origens latinas para o termo: o primeiro **educare**, referindo-se ao cuidar, criar, alimentar sejam crianças, plantas ou animais, e **educere** que traduz educação como sendo o ato de tirar para fora modificar um estado.

Libâneo *apud* Planchard (2001, p. 26) coloca educar em seu sentido etimológico, como sendo o ato de conduzir de um lado para outro de maneira sistemática, preparando-o para a vida num determinado meio.

O autor ainda coloca o termo *educatio* (educação) que parece sintetizar os dois outros acima: “criação, tratamento, cuidados que se aplicam aos educandos visando adaptar seu comportamento a expectativas e exigências de um determinado meio social”. (LIBÂNEO, 2001, p. 64)

Com as definições acima do termo educação e alguns conceitos centrais este trabalho encaminha-se agora para uma breve descrição clássica de educação e suas concepções, embora como citado que as correntes apresentem semelhanças entre si, elas se diferem em dois seguimentos: “o processo depende das disposições internas ou da influência do ambiente circundante ou da ação recíproca entre ambos; e da finalidade ou ideal que se busca”. (LIBÂNEO, 2001, p. 66).

A concepção naturalista também chamada inatista prioriza os fatores biológicos do desenvolvimento, para esta a influencia externa apenas regula o ritmo e a manifestação dos processos internos inatos. A concepção pragmática concebe a educação como um processo permanente ao desenvolvimento humano [...] é pela experiência nas interações entre organismo e meio, que o indivíduo desenvolve suas funções cognitivas. A educação como um processo interior em que as pessoas vão aperfeiçoando as verdades ensinadas, mostrando como estas deve ser regenerando o homem corrompido pelo pecado original preparando-o para a vida eterna é a filosofia da concepção espiritualista. Para a concepção culturalista a educação é algo que se transmite pela valorização da cultura tornando-se forças espirituais

internas no educando. Pela apropriação da cultura o indivíduo forma a sua vida interior e sua personalidade. Na concepção ambientalista o ambiente externo exerce força de atuação sobre o indivíduo delineando suas condutas perante a exigência da sociedade. A concepção histórico-social concebe a educação como produto do desenvolvimento social determinada pela forma de relações sociais de uma dada sociedade, e por fim a concepção interacionista afirma que o ser humano se desenvolve tanto biologicamente quanto psicologicamente realizando interações com o ambiente, implicando a interação entre o sujeito e o meio. (LIBÂNEO, 2001, p. 66).

1.3 A EDUCAÇÃO EM OUTROS SENTIDOS

Como já visto existem muitas definições para educação. Em Libâneo apud Mialaret (2001, p. 75) Ela também pode ser entendida como educação-instituição, educação processo- e educação- produto, sendo definidas pelo autor:

A educação como instituição-social corresponde à estrutura organizacional e administrativa, normas gerais de funcionamento e diretrizes pedagógicas referentes sejam ao sistema educacional como um todo, seja ao funcionamento interno de cada instituição, tal como é o caso das escolas. A educação-processo corresponde à ação educadora, às condições e modos pelos quais os indivíduos incorporam meios de se educar. Enquanto produto a educação tem o sentido de caracterizar os resultados obtidos de ações educativas, a configuração de sujeito educado como consequência de processos educativos. (p.75)

Para Brandão (2005, p.7) “Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e para ensinar”.

A lei nº. 9394 das Diretrizes e Bases da Educação Nacional em seu artigo 1º define a educação, como sendo aquela que abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

NOME: _____

Data: _____

Capítulo 2

Classes Hospitalares

Pinte somente os triângulos com várias cores.

www.cadernosdopovo.com.br



2.1 HISTÓRIA PEDAGOGIA HOSPITALAR

A história da pedagogia hospitalar não é recente. Muito se tem falado sobre a qualidade de vida, principalmente nos dias de hoje vem buscando viver de forma melhor. Viver de forma melhor implica em propor melhores condições de vida em sua integralidade e a pedagogia hospitalar emerge pela sua importância e responsabilidade com a vida. É importante citar que a pedagogia hospitalar traz em sua concepção a visão humanística, pois volta-se para o ser global, e não somente para o corpo e as necessidades físicas e sociais do indivíduo.

Segundo Esteves em 1935 Henri Sallier inaugura a primeira escola voltada à crianças que se encontravam abandonadas sem atendimento escolar nos arredores de Paris. No período da segunda guerra mundial o grande número de crianças mutiladas e sem atendimento escolar fez com que um grupo de médicos se mobilizassem para dar atendimento a essas crianças.

Em 1939 é criado o C.N.E.F.E.I – Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptadas de Suresnes que formava professores para o trabalho em instituições especiais e hospitais. Neste mesmo ano é criado o cargo de professor hospitalar pelo Ministério de Educação da França, e que ainda mantém estágios em regime de internato à médicos, professores diretores de escolas assistentes sociais, mantendo a filosofia de que a escola não é um mundo fechado. (ESTEVES,[2000?].p.2).

Nesse sentido, Esteves *apud* Amaral e Silva (2003, p.1) colocam que “A criação de classes hospitalares em hospitais é resultado do reconhecimento formal à crianças internadas com necessidades educacionais, um direito à escolarização”.

Esteves *apud* Fonseca e Ceccim (1999) apontam que na metade do século XX, fez-se necessário implementar experiências educativas à crianças e jovens internados em instituições hospitalares pois se verificava que as instituições que prestavam este atendimento não respeitavam aspectos básicos do desenvolvimento da criança, o que poderia comprometer futuramente os seus aspectos psiquiátricos.

Segundo a autora encontram –se registros de que as primeiras experiências no Brasil deu – se em 1600, com atendimento escolar à pessoa deficiente, na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo

O tratamento pedagógico hospitalar teve início na década de 50, na cidade do Rio de Janeiro pelo Hospital Escola Menino Jesus que ainda mantém até hoje as suas atividades às crianças e adolescentes internados.

Quanto ao profissional pedagogo segundo Calegari *apud* Simancas e Lorente (1990), a sua atuação em ambientes clínicos ou hospitalares se faz presente desde 1979 em uma clínica na cidade de Navarra, na Espanha, que pela internação de sua irmã, uma acadêmica de Pedagogia inicia práticas pedagógicas, sendo posteriormente tomadas como exemplos em outras unidades. Conforme a autora a partir de então a prática pedagógica em hospital passa a ter um curso de formação naquele país.(CALEGARI,2003.p.89).

2.2 CLASSES HOSPITALARES

A Classe Hospitalar surge como uma modalidade de educação especial, prestados a crianças e adolescentes afastados da rotina escolar. O Conselho Nacional de Educação sugere a denominação 'Classe Hospitalar' para o atendimento educacional especializado a alunos impossibilitados de freqüentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar, atendimento hospitalar prolongado ou permanência em domicílio, impedindo a interrupção do processo de aprendizagem da criança, para que futuramente esta possa ser reintegrada a sala de aula. (CNE, 2001, p. 39-40).

A sua denominação ocorre do atendimento pedagógico educacional em ambiente de tratamento de saúde, em circunstância de internação. É compreendida como modalidade de ação da educação especial por atender crianças ou adolescentes com necessidades educativas especiais por apresentarem dificuldades de acompanhamento curriculares por condições delimitações específicas de saúde. (BRASIL, 2002, p.37)

O atendimento pedagógico – educacional, no ambiente hospitalar deve ser entendido como uma ¹escuta pedagógica as necessidades e interesses da

¹ Expressão desenvolvida por Ceccim e Carvalho (1997) que diz respeito a sensibilidade do ver – ouvir e sentir em relação as processo cognitivos e psíquicos experimentados pelo educando. Essa escuta transcende o físico e adentra ao mundo silencioso da subjetividade do aluno enfermo numa perspectiva integral resgatando o conceito de saúde como uma afirmação da própria vida.

criança, buscando atendê-las o mais adequadamente possível nestes aspectos e não como uma mera suplência escolar ou “massacre” concentrando no intelecto da criança. (FONSECA, 2003, p 14)

A escuta pedagógica segundo Fontes diferencia-se das demais realizadas por outros profissionais no atendimento da criança hospitalizada, pois esta traz em si a marca da construção do conhecimento sobre o espaço, informações médicas ou mesmo sobre a patologia, de forma lúdica e ao mesmo tempo didática. Para a autora esta escuta não se faz sem eco, uma vez que esta é uma escuta que brota do diálogo que é à base de toda educação. (FONTES, 2005. p.6).

O acompanhamento na escola hospitalar mesmo que seja por um curto período tem um caráter significativo para a criança hospitalizada dando a esta a oportunidade de atualizar suas necessidades escolares, permitindo a esta desvincular-se de suas restrições momentâneas possibilitando a apropriação de conceitos tanto pessoal quanto escolar. (FONSECA. 2003, p.9)

A criança ou adolescente que se encontra em tratamento de saúde sofre um grande impacto na sua capacidade psíquica e intelectual, refletindo em suas funções de ensino e aprendizagem.

A integração da educação e saúde vai de encontro a um desejo que a sociedade pleiteia: o acesso da criança a escola. O ensino nos espaços de saúde protege o desempenho escolar e a sua reintegração após a alta. (Ortiz, 2005, p.46).

A educação em uma classe hospitalar tem como peculiaridade assegurar a manutenção dos vínculos escolares, de devolver a criança para sua escola de origem com a certeza de que poderá reintegrar – se ao currículo e aos colegas sem prejuízos pelo afastamento temporário ou ainda, de demonstrar, na prática que o lugar da criança [...] é na escola, aprendendo e compondo experiências educacionais mediadas pelo mesmo professor que as demais crianças. (FONSECA, 2003, p.8).

Para a autora escola hospitalar é a oportunidade de resgate da rotina de aprendizado escolar de modo que esta criança não venha a ter prejuízos em seu aprendizado durante o tempo de internação, exercendo um direito que lhe é garantido como cidadão, que é o de aprender. (FONSECA 2003, p.18).

Tendo em vista a importância da Classe Hospitalar como uma proposta de inclusão e do seu objetivo, dar continuidade à escolaridade das crianças

que se encontram ou precisam de freqüentes internações servindo de suporte para o desenvolvimento sócio-afetivo Fonseca diz que:

Em sua prática pedagógico-educacional diária, as classes hospitalares visam a dar continuidade ao ensino dos conteúdos da escola de origem da criança ou adolescente e/ou operam com conteúdos programáticos próprios à faixa etária das crianças e jovens hospitalizados o que os leva a sanar dificuldades de aprendizagem e/ou oportunidade da aquisição de novos conteúdos intelectivos. (FONSECA, 1999, p.13).

Para a criança hospitalizada, o estudo emerge como um bem da criança sadia. O suporte da classe hospitalar pode resgatar a sua auto-estima em face do adoecimento e hospitalização restabelecendo a relação ensino aprendizagem.

Nesse sentido Ceccim, aponta que a classe hospitalar deve atender o ensino pedagógico educacional apoiando-se em propostas educativas escolares, diferenciando-se das propostas de recreação, brinquedotecas ou dos projetos brincar. (1999, 1999, p. 43)

2.3 LEGISLAÇÃO

A educação é um direito de todos garantido pela Constituição Federal artigo 214, e estas afirmam de que as ações do poder público devem conduzir a universalização do atendimento escolar.

Neste direito a Pedagogia Hospitalar como ²educação especial e enquanto uma modalidade de Educação Escolar tem a possibilidade de ampliação destes ambientes escolares. A Lei de Diretrizes e Bases em seu artigo 5 § 5º também assegura que é dever do poder público criar formas e alternativas de acesso a diferentes espaços de ensino para garantir a aprendizagem independentemente da escolarização anterior.

A classe hospitalar foi reconhecida definitivamente pelo Ministério da Educação e do desporto em 1994, através da publicação da Política Nacional de Educação Especial (MEC/SEESP, 1994).

² Por Educação Especial, da educação escolar, entende-se por um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o

Para especificar as leis que orientam a educação especial no Brasil, dentre elas a classe hospitalar é de suma importância mencionar as principais leis que regem a educação.

A educação a partir de 1990 tem tido destaque nas políticas governamentais na intenção de garantir a educação para todos. Conforma a lei que rege o nosso país a Constituição Federal de 1988, mais precisamente no título VIII da Ordem Social capítulo III da educação, da cultura e do desporto, seção I, artigo 205 dispõe:

A educação é um direito de todos, e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A Lei de Diretrizes e Bases 9.394 /96 também considera a educação um direito de todos em seus artigos dispostos no título II do Principio e Fins da Educação Nacional:

Artigo 3º - o ensino será ministrado nos seguintes princípios: I – Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II – Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; III – Pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas.

Sendo a educação um direito de todos, as crianças e adolescentes hospitalizados devem ser incluídos nesta lei.

A esse respeito foi decretada a lei 1.044 /69 que dispõe sobre o tratamento excepcional para alunos portadores de afecções, em suas residências e a lei 6.2002/75 que discorre sobre o exercício domiciliares de estudantes e gestantes.

As Leis que regulamentam a Classe Hospitalar só foram instituídas a partir da década de 90. Dentre estas leis o Estatuto da Criança e do Adolescente em seu artigo 9º discorre que “é direito da criança de desfrutar de alguma forma de recreação, programa de educação, para a saúde”.

No que se refere às leis que regulamenta as classes hospitalares o Estatuto da Criança e do Adolescente ECA. A lei nº. 8.069, de 1990 onde o capítulo IV trata do direito a Educação, a Cultura, ao Esporte e ao Lazer. Em seu artigo 3º dispõe que a criança e o adolescente gozam de direitos, inerentes a pessoa humana, sem prejuízo da proteção integração de e que trata esta lei, assegurando –

lhes por lei ou por outros meios todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facilitar o desenvolvimento físico, mental, espiritual e social em condições de dignidades.

A Declaração de Salamanca (1994) e a Conferencia Mundial sobre Necessidades Especiais teve como objetivo específico de discussão a atenção educacional aos alunos com necessidades especiais. A referida lei dispõe que:

Toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem; Toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que lhe são únicas; Sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades.

A classe hospitalar está inserida na LDB 9394/96 capítulo V como educação especial, em uma visão de educação inclusiva.

Palhares e Marins *apud* Mendes, 2002 ressaltam a educação inclusiva:

Como uma proposta de aplicação prática ao campo da educação como um novo paradigma na construção de um processo bilateral no qual as pessoas excluídas e a sociedade buscam em parceria, efetivar a equiparação de oportunidades pra todos. (PALHARES, MARINS *apud* MENDES, 2002, p.61).

Mendes *apud* Aranha (2001) argumenta que:

A idéia de inclusão se fundamenta em uma filosofia que reconhece e aceita a diversidade na vida em sociedade. Isto significa garantia de acesso de todos a todas as oportunidades independentemente das peculiaridades de cada indivíduo ou grupo social (2001).

Conforme a LDB em seu artigo capítulo V da Educação Especial no artigo 58 discorre o seguinte: “Entende-se por educação especial, para os efeitos da lei a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educando portador de necessidades especiais”.

O decreto 6.571, de 17 de setembro de 2008 que dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do artigo 60 da Lei nº 9394 de 17 de Dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto nº 6.253, de 13 de novembro de 2007 considera:

§1º Atendimento educacional especializado o conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucionalmente, prestados de forma complementar ou suplementar à formação dos alunos no ensino regular. § 2º O atendimento educacional especializado deve integrar-se à proposta

pedagógica da escola, envolver a participação da família, e ser realizado em articulação com as demais políticas públicas.

O Estatuto da Criança e do Adolescente Lei, 8069 de 13 de junho de 1990, dispõe garantias e direitos para crianças e adolescentes que se encontra em condições de hospitalização. Segue-se o Art. 54 desta lei.

Art. 54. É dever de o Estado assegurar à criança e ao adolescente: I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria; II - progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio; III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino; IV - atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade; V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um; VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do adolescente trabalhador; VII - atendimento no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

O documento mais recente sobre classe Hospitalar foi publicado em 2002 pelo Ministério da Educação e Secretaria de Educação Especial, intitulado: Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: estratégias e orientações. O respectivo documento tem como objetivo estimular a criação do atendimento pedagógico hospitalar e domiciliar, garantindo a educação aos alunos da escola regular que estejam hospitalizados assim designando:

Cumpra as Classes Hospitalares e ao atendimento pedagógico domiciliar elaborar estratégias e orientações para possibilitar o acompanhamento pedagógico educacional do processo de desenvolvimento e construção do conhecimento de crianças, jovens e adultos matriculados ou não nos sistemas de ensino regular, no âmbito da educação básica e que se encontram impossibilitados de freqüentar a escola, temporária ou permanente e, garantir a manutenção do vínculo com as escolas por meio de um currículo flexibilizado e/ou adaptado, favorecendo seu ingresso, retorno ou adequada integração ao seu grupo escolar correspondente, como parte do direito de atenção integral. (MEC, SEESP, 2002 p.13)

Neste contexto de educação inclusiva Fonseca escreve: “A escola hospitalar não é segregativa, mas tem o caráter inclusivo apesar das características do hospital”. (FONSECA, 2005, p.15).

A educação é um direito de todos garantido pela Constituição Federal artigo 214, e estas afirmam de que as ações do poder público devem conduzir a universalização do atendimento escolar.

Neste direito a Pedagogia Hospitalar como educação especial e enquanto uma modalidade de Educação Escolar tem a possibilidade de ampliação

destes ambientes escolares. A Lei de Diretrizes e Bases em seu artigo 5 § 5º também assegura que é dever do poder público criar formas e alternativas de acesso a diferentes espaços de ensino para garantir a aprendizagem independentemente da escolarização anterior.

Sobre isto Fonseca (2003, p.15) ressalta que:

A educação especial se traduz em Educação no seu significado mais amplo na medida em que conta como um instrumento que não lhe permite apenas receber e compreender as peculiaridades, mas também atender eficientemente as necessidades e interesses daqueles que dela precisa.

PNHAH³ - Programa Nacional de Humanização no Atendimento Hospitalar (2001, p.14) Este documento resgata a importância dos aspectos humanos e não somente aqueles destinados ao tratamento da enfermidade. O Documento propõe um comprometimento humanizador de todos os profissionais das diferentes especialidades entre estes e usuários no atendimento a saúde.

Nesse aspecto o documento dá a classe hospitalar e sua proposta escolarizante nos espaços hospitalares, a garantia de sua efetivação para o acompanhamento de jovens e adolescentes internados.

Dentre os objetivos do PNHAH se faz necessário ressaltar dois destes que reforçam a importância da pedagogia hospitalar e do papel do pedagogo neste contexto como um espaço concreto para o estímulo da criança e adolescente no período de internação dando a este como usuário condições de um atendimento adequado, além de trabalhar os conteúdos escolares. São eles:

- Conceber e implantar novas iniciativas de humanização dos hospitais que venham a beneficiar os usuários e os profissionais de saúde;
- Estimular a realização de parcerias e intercambio de conhecimentos e experiências nesta área.

O acompanhamento escolar à criança internada e a implantação de classes hospitalares possui respaldo da Sociedade Brasileira de Pediatria sendo oportuno destacar o item 9 que defende que toda a criança tem: “Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar”.

³ “O PNHAH nasceu de uma iniciativa do ministério de saúde buscar estratégias que possibilitem a melhoria do contato humano entre o profissional de saúde e usuário, dos profissionais entre si, e do hospital com a comunidade, visando o bom funcionamento do Sistema de Saúde Brasileiro.” (Programa Nacional de Humanização no Atendimento Hospitalar, 2002, p.2)

Concluindo este capítulo, de acordo com a Secretaria de Educação do Estado do Paraná por meio da Deliberação do Conselho Estadual de Educação em seu artigo 1º do capítulo 1 assegura uma educação de qualidade para todos os alunos da educação básica e com necessidades especiais. O referido documento define necessidades especiais como problema de aprendizagem apresentados pelo aluno em caráter temporário ou permanente.

Apesar de já ser reconhecida oficialmente e da existência de legislação para a Classe Hospitalar, ainda há um grande desconhecimento desta modalidade de atendimento a criança e adolescente em situação de internação. Portanto é de importante relevância os estudos e pesquisa até aqui desenvolvidas com objetivo de tornar conhecida a pedagogia hospitalar, fazendo com seja multiplicados os espaços de sua realização.

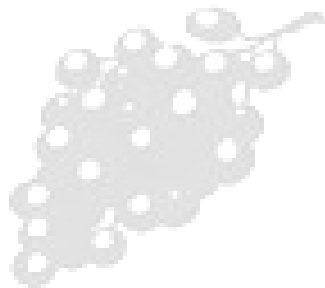
NOME _____ Data: _____

Escreva o nome das imagens.

Pinte com lápis colorido as imagens e retângulos.

Capítulo 3

A Formação do Pedagogo



3.1 O PEDAGOGO

Visando discutir a formação do pedagogo, o presente capítulo tem por finalidade apresentar quais as peculiaridades da formação, e as características deste profissional no desenvolvimento de suas atividades.

Têm-se surgido novos campos de atuação para o pedagogo, prática cada vez mais necessária e importante para que haja a oportunização da seqüência de aprendizado escolar da criança internada ou em recuperação domiciliar.

Os termos Pedagogia Hospitalar e Classe hospitalar têm sido discutidos até aqui numa proposta de aprendizado que vise pensar na ação educativa no hospital como um processo de humanização, promovendo a aprendizagem e ação educativa como um processo emancipador. O profissional pedagogo surge no momento atual como uma nova práxis educativa a partir das novas perspectivas formativas que fornecem o enfrentamento corajoso do renascimento dessa profissão. A prática do pedagogo ocorre numa prática transdisciplinar com os profissionais de saúde.

A sua atuação nesse sentido é uma reforçada contribuição ao trabalho multidisciplinar no contexto do hospital tendo condições de desenvolver um trabalho sincronizador, didático e pedagógico educativo. (MATOS E MUGIATTI, 2006 p. 16).

Nesse sentido, a formação do professor para a atuação neste espaço é de suma importância, pois o pedagogo será o mediador para restaurar os laços da criança internada com o cotidiano escolar, intervindo para que estes tenham uma melhor interação social, valorizando as suas aptidões, respeitando os limites clínicos de cada um.

Para Arosa (2007, p.75) o professor como mediador do processo de ensino e aprendizagem é (ou deveria ser) aquele que instiga que compartilha o conhecimento, que ensina e aprende junto com o aluno. Desta forma desfaz a visão tradicional de sua intervenção, construindo uma ação pedagógica mais solidária.

O artigo 7º da deliberação CEE 05/00 dispõe que o professor de classes hospitalares deve ter habilitação para docência como especialização adquirida conforme a LDB Lei 9394/96.

Fonseca (2003, p.25) apud Wiles (1987) acrescenta que “o professor está lá para estimulá-los através do uso de seu conhecimento, das necessidades curriculares de cada criança”.

Como definido pela LDB a Pedagogia Hospitalar enquadra-se como Educação Especial dentro de um contexto hospitalar. Sendo assim para atuar nesta área além de sua formação em Pedagogia deve conhecimento específico para sua atuação.

Segundo Barros o professor de uma classe hospitalar deve ser capaz de identificar e justificar as variáveis presentes neste contexto, e a partir daí apreciar medidas humanizadoras que integrem as atividades escolares com a condição de internação da criança, explorando os espaços e rotinas hospitalares compondo harmonicamente as tarefas escolares e o tratamento. Para a autora o professor de classe hospitalar deve estar atento às necessidades de aprendizado e à motivação de cada aluno diante das atividades propostas. Respeitar o tempo de cada aluno sem deixar de estabelecer o compromisso direcionando estes objetivos de modo que a preposta seja concretizada. (BARROS, 2007.p.265).

O conhecimento de alguns princípios básicos de atendimento a uma emergência é necessário para que o professor atenda a criança e de encaminhamento aos profissionais de saúde.

A práxis⁴ pedagógica do professor hospitalar está pautada no preparo pedagógico consistente aliado a uma orientação ou treinamento pedagógico específico no campo da educação da classe hospitalar. (ORTIZ, 2005, p 61).

A respeito do papel do professor que atua no hospital, Ceccim e Fonseca (1998, p. 35) enfatizam que a classe hospitalar requer professores “com destreza e discernimento para atuar com planos e programas abertos, móveis, mutantes, constantemente reorientados pela situação especial e individual de cada criança ou adolescente sob atendimento”. Para realizar esse planejamento individualizado, levando em conta a concepção comportamental do aprender, em que cada aluno possa caminhar de acordo com seu próprio ritmo para que as conseqüências reforçadoras sejam efetivas.

⁴ Para a autora a práxis implica em dizer da necessidade de consubstanciar um preparo pedagógico e consistente aliado a uma orientação e/ou treinamento pedagógico específico ao campo de atuação da classe hospitalar.

A pedagogia hospitalar demanda necessidades de profissionais que tenham uma abordagem progressista, com uma visão sistêmica da realidade do escolar doente. Seu papel principal não será de resgate a escolaridade, mas de transformar essas duas realidades fazendo fluir sistemas que as aproximes e as integre (MATOS, 1998, p.12).

A função do professor de uma classe hospitalar não se restringe apenas a “ocupar-se criativamente” o tempo da criança para que ela tenha consciência de sua enfermidade, ou criar espaços diferenciados de ludicidade como metodologia para que esta esqueça por alguns momentos que está doente. O professor deve estar no hospital para possibilitar à aprendizagem dos conteúdos escolares por meio dos processos afetivos. (CECCIM, 1999, p.43)

A criança não pode ser prejudicada pelo longo período de internação, ela sofre neste contexto. O pedagogo é o agente de mudanças, “que numa perspectiva integradora e numa visão de prática pedagógica de educação integral promove o aperfeiçoamento humano”. (MATOS; MUGGIATTI, 2001, p. 117)

Segundo Fontes (2005) grande parte dos professores que atuam com crianças nos hospitais possui formação em nível de pós – graduação na área educacional, garantindo o nível de qualidade crescente nesta categoria já que não existe uma formação profissional reconhecida pelo MEC. Porém a autora ressalta que isto não é o suficiente para um acompanhamento pedagógico educacional a esta clientela, o professor de uma classe hospitalar necessita de uma formação específica nesta área de conhecimento, pois no contexto hospitalar há uma infinidade de patologias infanto - juvenis que exigem diferenciação de tempo e atuação pedagógica. O professor integra em suas práticas ações políticas, pedagógicas, psicológicas, social e ideológica, mas nenhuma delas deve ser tão persistente quanto à disposição de estar com o outro e para o outro.

Matos e Mugiatti colocam que o educador deve ter habilidades que o leve a reflexão de suas ações pedagógicas, para que possa oferecer uma orientação respeitando as particularidades e necessidades de cada criança ou adolescente hospitalizado. Ainda segundo as autoras esta formação requer um perfil de educador com uma abordagem progressista, uma visão sistêmica da realidade hospitalar, exercendo suas atividades em um sistema integrado em que as relações mult/inter/transdisciplinares, transformando a realidade que envolve o aluno atendido. (MATOS E MUGIATTI, 2006, p.116).

De acordo com Fonseca o perfil pedagógico educacional do professor de uma classe hospitalar deve se adequar a realidade hospitalar na qual

atua, destacando as potencialidades de cada aluno. Motivando e incentivando a inclusão desta criança no contexto da classe escolar. A autora ainda acrescenta que o professor tem como principal função estimular as crianças, por meio dos seus conhecimentos e das necessidades de aprendizado curricular de cada criança. (2003, p.25)

Como discutido até aqui sobre a formação do professor para atuação em uma classe hospitalar corresponde de início a formação em nível superior do curso de pedagogia e que deverá constituir-se preferencialmente em educação especial.

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de pedagogia, sob o processo 23001000188/2005-2, aprovado pelo parecer CNE/CP5/2005, 13/12/2005 inclui também a formação em contextos não escolares, destacando-se inclusive a preparação e prática em ambiente hospitalar para atendimento sob aspectos pedagógicos. (MATOS E MUGIATTI, 2006, p.32).

Cabe destacar aqui parte do documento citado por Mattos e Mugiatti em que estas descrevem a formação do pedagogo e a constituição do curso de pedagogia. (MATOS E MUGIATTI, 2006, p.33).

De acordo com parecer CNE/CES 776/1997, 583/2001 E 67/2003(MATOS E MUGIATTI, 2006, p.32), as normas são para estabelecer bases comuns para que os sistemas de ensino e instituições de formação do pedagogo possam planejar avaliar e acompanhar o caminho acadêmico profissional oferecido. Esta formação abrange integralmente a docência, a participação da gestão, avaliação de sistemas e instituições de ensino em geral a elaborar a execução, o acompanhamento de programas e as atividades educativas. (MATOS E MUGIATTI, 2006, p.33).

Torna-se importante mencionar que a formação do profissional pedagogo para atuação em classes hospitalares constitui-se de uma importante relevância social favorecendo esta parcela da população, e a educação um direito de todos.

Para Matos e Mugiatti 2006, p.118, é necessária a formação de pedagogos com propostas criativas, comprometidas e competentes no atendimento da criança e adolescente internados, ou seja, é imprescindível que este tenha uma habilitação específica para o desempenho e prática de ensino, possibilitando atender este nível de exigência.

Segundo o documento Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar para atuar em uma classe hospitalar ou no atendimento pedagógico domiciliar, este profissional deverá estar capacitado para trabalhar com a diversidade humana e diferentes vivências culturais identificando a necessidade educacional de cada aluno, definindo e implantando estratégias de adaptação curricular, ter disponibilidade para o trabalho em equipe, bem como prestar assessoramento às escolas na reintegração deste aluno à sala regular. (MEC, 2002.p.22).

Encerramos este capítulo enfatizando a importância da formação de professores para atuação nos diversos espaços de atuação, em destaque nesta pesquisa o ambiente hospitalar, visto que a escola representa o espaço de socialização fora do ambiente familiar esta também pode ter continuidade no hospital.

NOME

STANIS

DATA

22

Capítulo 4

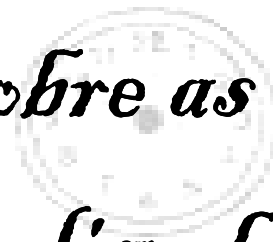
Coloque ponteiros nos relógios marcando a hora em que você fez essas atividades.

O Pedagogo no Hospital:

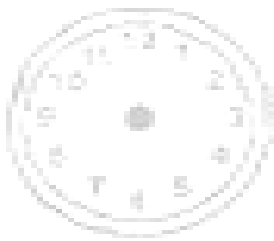
*um diálogo sobre as
intervenções realizadas*



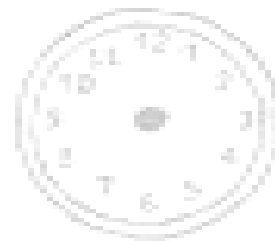
Levanta



Durmo



Vou para a escola



Almoço



4.1 DESCRIÇÃO DO DIÁLOGO E DAS INTERVENÇÕES REALIZADAS

As reflexões aqui apresentadas são conteúdos das observações, intervenções e diálogos realizados com crianças/adolescentes em tratamento clínico no Hospital do Câncer de Londrina (ICL) e que permanecem na Ong Viver com o objetivo de perceber e identificar reações e comportamento da criança/adolescente enfermo que se encontra internado ou em tratamento, à motivação intrínseca ao realizar uma atividade escolar tendo como fator complicante a sua doença, estado emocional e/ou físico pós-realização de exames médicos, e as ações pedagógicas do professor diante destes diversos fatores que se mostram presentes em uma classe hospitalar.

Calegari *apud* Ceccim e Carvalho aponta que o trabalho pedagógico em ambientes hospitalares possui seu reconhecimento enquanto fator positivo, em diversos estabelecimentos clínicos, objetivando o restabelecimento da criança doente e internada. (2003, p.70)

Sobre a observação Simões (2003, p. 33) coloca que esta é um dos meios importantes para a coleta de dados sobre o que se pesquisa. Para ela o atendimento pedagógico-educacional hospitalar se faz necessário e importante, pois existem questões que somente serão respondidas se forem exploradas.

Segundo a autora a observação natural permite ao professor planejar, desenvolver, avaliar e registrar assertivamente o seu atendimento pedagógico educacional hospitalar. Esta ainda coloca que o mapeamento ou registro detalhado dos comportamentos naturais permite a identificação de comportamentos e situações o que servirá de linha de base para modificações no planejamento da atividade. Para ela o registro das observações pelo professor deve ser o mais próximo da realidade em que se está realizando a observação. (SIMÕES; 2003.p.33).

Nos diálogos e nas atividades buscamos além de identificar estes elementos acima citados a importância de se ter nos ambientes hospitalares o pedagogo como um elemento fundamental juntamente com a equipe de saúde na recuperação e integração desta criança, compreendendo também os conteúdos escolares.

4.1.1 Intervenção com a criança Leonardo (7a)

Iniciamos nossa observação e participação, na Ong Viver, no mês de maio de 2009 objetivando conhecer as crianças/adolescentes e familiarizarmos com eles. Após estes primeiros contatos inicializamos nossas intervenções pedagógicas, primeiramente estabelecendo um diálogo informal entre as mesmas. Salientamos que os nomes das crianças foram citados por termos a autorização de seus responsáveis, bem como buscamos, ainda nestes diálogos, preservar a fala da criança/adolescente na íntegra e como o falam.

- *Quantos anos você tem?*
- *7 anos.*
- *Você está na escola?*
- *Eu estou na primeira série.*
- *Você gosta de estudar?*
- *Eu gosto só é ruim quando eu venho para o médico.*
- *Por quê?*
- *Ah! É muito chato ter que ficar aqui no dia todo.*

Para iniciarmos a atividade pedimos para que colocasse o seu nome e a idade.

- *Escreve o seu nome aqui para mim.*
 - *Eu não sei escrever o meu nome.*
 - *Mas você me disse que está na escola?*
- A mãe interfere neste momento e diz:- Ele está com gracinha. Nesse instante ele começa a escrever, apresentando dificuldade na escrita do sobrenome, pois este apresentava ocorrência ortográfica.*

Explicamos a criança o que deveria fazer na atividade, observando todo o processo. A atividade consistia em identificar e colocar os nomes das frutas ali relacionadas. Perguntamos:

- *Qual é o nome destas frutas? Referindo e apontando cada uma delas.*

A criança não apresentou dificuldades em relação ao conhecimento das frutas. Ao escrever os nomes apresentou uma troca de fonemas /mo/ e /no/. A criança demonstrou uma ótima percepção das cores que se apresentam nas frutas pintando-as com as referidas cores até nos mínimos detalhes.

NOME: Camilla Batista Data: 24/5/2009

Escreva o nome das imagens.
Pinte com lápis colorido as imagens e retângulos.

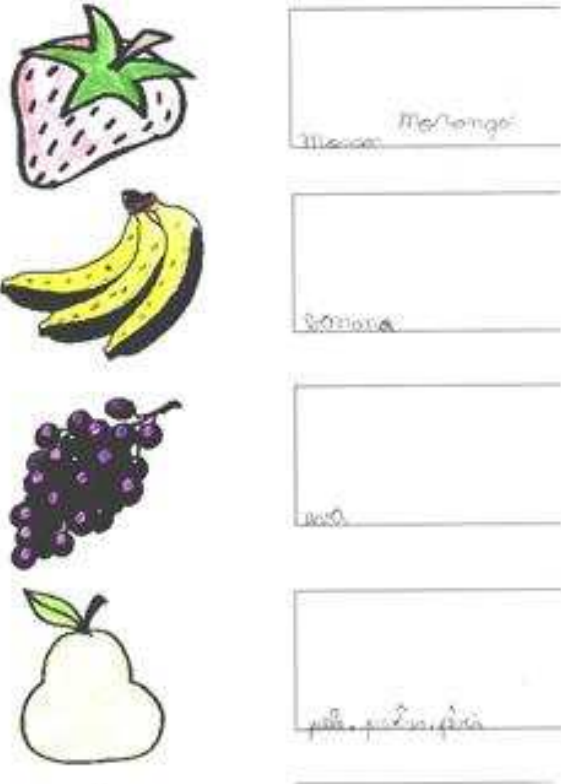


Figura1. Atividade de escrita dos nomes das frutas.

Antes de terminar a atividade, a criança queixou-se de dor no braço. Observamos que estava inchado, então, pedimos para concluir a atividade o que a mesma fez sem hesitar.

Sobre as atividades de uma classe hospitalar Fonseca (2003) escreve que “se a criança precisa sair antes, estratégias de fechamento das atividades devem ser realizadas a fim de que ela possa ter a idéia de que concluiu o que estava fazendo” (p. 41). Ainda, para Batista (2005), as atividades a serem desenvolvidas no ambiente hospitalar devem ter um começo e fim bem definidos.

4.1.2 Intervenção com a criança Janaina (7a)

Nesse dia no espaço da ONG Viver, conversamos com Gabriela de 7anos de idade e que se encontra na segunda série do Ensino Fundamental. Esperta e comunicativa encontrava-se ali para a realização de exames, após um período conturbado e que já estava neste momento superado. Gabriela é de outro município e mora em uma fazenda. Semanalmente vem para o tratamento no Hospital de Câncer, ficando na ONG Viver até ser chamada pelos profissionais da saúde para a consulta e tratamento. Depois, retorna a ONG Viver para aguardar pelo transporte.

Conversamos um pouco com sua mãe a respeito do que estávamos fazendo pedindo a sua autorização para a intervenção. Ao nos apresentar Gabriela mostrou-se receptiva concordando em realizar atividade.

A atividade elaborada para a intervenção neste dia foi referente à identificação de figuras geométricas, identificação e escrita dos nomes das frutas.

- Você poderia escrever o seu nome nesta folha?

Após escrever o nome, perguntamos:

- Você consegue me dizer o que tem nessa folha?

- Claro! O que tem aqui são quadrados, triângulos (ao se referir ao retângulo não consegue lembrar o nome, então, dissemos o nome para ela).

- Muito bem, isto são figuras geométricas. Agora gostaríamos que você colorisse as figuras que representam o triângulo.

Durante a aplicação da atividade questionamos a respeito de sua rotina escolar.

- Você estuda perto de sua casa ou longe?

- Longe, mas o meu pai me leva.

- Quando você vem aqui no médico o que faz para recuperar o que a professora dá?

- Ela passa para mim depois e eu faço em casa.

- Não tem uma amiguinha que poderia copiar ou emprestar o caderno dela para você?

- Eu tenho, mas é chato, porque o caderno dela já está tudo resolvido.



Figura 2. Atividade de figuras geométricas.

A escola é um espaço de desenvolvimento e interação social para a criança. Ao ficar fora do cotidiano escolar, tem interrompido as possibilidades de entretenimento, brincadeiras e convívio com seus pares, ficando restrita há um grupo de profissionais desconhecidos e uma rotina de tratamento dolorosa e demorada.

Nesta realidade, a continuidade das atividades escolares em uma classe hospitalar é importante para a criança levando esta a perceber que embora esteja fora de sua rotina, esta se mantém no hospital e que brevemente voltará à normalidade.

A escola tudo que nela significa tem grande importância, tanto no que diz respeito à realidade, quanto na construção da realidade da mesma, desta forma, é importante que a doença e conseqüentemente a hospitalização não venha a prejudicar esse elo com o saber e o "mundo" lá fora. (CALEGARI, p.11).

A sala de aula é um espaço importante de socialização para criança contribuindo para o seu desenvolvimento. A sua integração com outras crianças e com atividades escolares ou de recreação permite “esquecer” o momento de sofrimento por qual está passando, tirando o foco da doença ou do tratamento ajudando em sua melhora.

As relações de aprendizagem em uma classe hospitalar para o aluno internado, são motivações que devolve-lhe o ânimo e a vontade de enfrentar o sentimento de abandono e isolamento dando-lhe confiança e progresso no desempenho de suas capacidades . (FONSECA, 2003. p.28)

4.1.3 Intervenção com a criança Kamila (6a)

A descrição a seguir do diálogo estabelecido e da intervenção aplicada refere-se a uma criança de seis anos de idade, não alfabetizada e que não frequenta o espaço escolar. Para realizar a intervenção foi utilizada uma atividade lúdica que consistia em identificar as figuras das frutas.

Para iniciarmos a atividade perguntamos:

- *Você sabe escrever o seu nome?*
- *Sei.*
- *Será que você poderia escrever neste espaço para mim?*

Apontamos para a linha. Após escrever o seu nome solicitamos que pintasse os desenhos o que fez prontamente. Observamos que esta escolhia as cores conforme estas se apresentam. Perguntamos:

- *Por que você pintou a banana de amarelo?*
- *Porque elas estão maduras.*



Figura 3. Atividade de escrita dos nomes das frutas.

A seguir disse que iria escrever o nome das frutas no espaço correspondente para que ela escrevesse do mesmo jeito para nós o que não conseguiu desistindo e manifestando cansaço. Porém, quando escrevíamos a palavra morango a mesma reconheceu letras de seu nome na palavra.

A realidade de uma classe escolar apresenta alunos de várias etapas de escolarização incluindo crianças e adolescentes não alfabetizados, exigindo assim, do pedagogo o início do processo pedagógico quando existir a presença desta situação.

Calegari *apud* Ceccim e Carvalho (2003) aponta que o trabalho pedagógico em ambientes hospitalares possui seu reconhecimento enquanto fator positivo, em diversos estabelecimentos clínicos, objetivando o restabelecimento da criança doente e internada.

4.1.4 Intervenção com a criança Janaina (7a)

O relato a seguir refere-se a uma criança que estava de retorno, e que já havia realizado intervenção semanas atrás.

- *Olá Janaina tudo bem?*
- *Tudo bem?*
- *Como você tem passado?*
- *Bem professora. Respondeu-me.*
- *Ao me chamar de professora perguntei como ela sabia.*
- *Você que disse da outra vez.*
- *Que bom que você lembrou, fico feliz. Vamos fazer outra atividade hoje?*
- *Vamos.*

Nesse dia como intervenção trabalhamos a disciplina de matemática e como conteúdo ordem crescente e decrescente que consistia primeiramente na observação de uma figura com sequência crescente e decrescente.

Explicamos a criança como seria a atividade pedindo para que visualizasse as duas imagens. A primeira imagem se referia à ordem crescente. Depois perguntamos:

- *Você pode me dizer qual é a figura maior e qual é a menor?*

Apontou-nos corretamente.

- *Isto mesmo.*

Disciplina: Matemática - (2ª série)

Conteúdo: Ordem crescente e ordem decrescente.

Objetivo: Avaliar o conhecimento do aluno sobre numeração crescente e numeração decrescente.

NOME _____ DATA _____

Observe a ordem das figuras:

Estas borboletas estão na ordem crescente, ou seja, da menor para a maior.



Aqui as borboletas estão na ordem decrescente: elas começam da maior para a menor.



Figura 4. Atividade de matemática: ordem crescente e decrescente.

Em seguida fizemos uma comparação com o seu crescimento, dizendo que ninguém nasce grande, nem plantas ou animais, todos crescem, por isso crescente. Depois realizamos uma atividade numérica. A mesma mostrou ter compreendido o conteúdo desenvolvendo a atividade corretamente.

MATEMÁTICANome Henrique de SiqueiraData 21/10/2017

Sistema de numeração decimal (2ª série)

Objetivo: Conhecer e calcular a classe das unidades simples.

Procedimento: Completar com o número correspondente.

Exemp:

CENTENA	DEZENA	UNIDADE
2	3	9
0	1	2
3	4	5
5	7	1

Escreva o número correspondente, conforme o exemplo:

2 centenas + 3 dezenas + 9 unidades = 239

- a) 2 centenas + 1 dezena + 7 unidades: 217
- b) 3 centenas + 9 dezenas + 0 unidade: 390
- c) 5 centenas + 7 dezenas + 1 unidades: 571

Figura 4. Atividade de matemática: números.

4.1.5 Intervenção com o adolescente Jader (12a)

O fragmento do diálogo a seguir detêm-se na intervenção realizada com Henrique 12 anos, portador de Síndrome de Dow. Segundo sua mãe, Jader frequenta a escola da APAE desde os 05 meses de idade. Reconhece algumas

letras e números, apresenta dificuldades de fala e visão. O adolescente mostrou-se bastante receptivo.

- *Oi Jader tudo bem?*
- *Tudo bem?*
- *Vamos pintar um pouco?*
- *Vamos.*
- *Perguntei. Que desenho é este apontando para cada uma das frutas, o mesmo respondeu quatro delas, fazendo confusão com a fruta pêra dizendo que era laranja.*
- *Após esta atividade demos-lhe para pintar o desenho das figuras geométricas, e pedimos para que pintasse as que representavam o retângulo. Percebemos que não tinha conhecimento então apontamos para a figura dizendo:*
- *Este é o retângulo.*

O restante da atividade foi realizada com a mesma metodologia, porém apontava para as figuras com o seu dedo indicador mostrando-lhe as semelhanças.

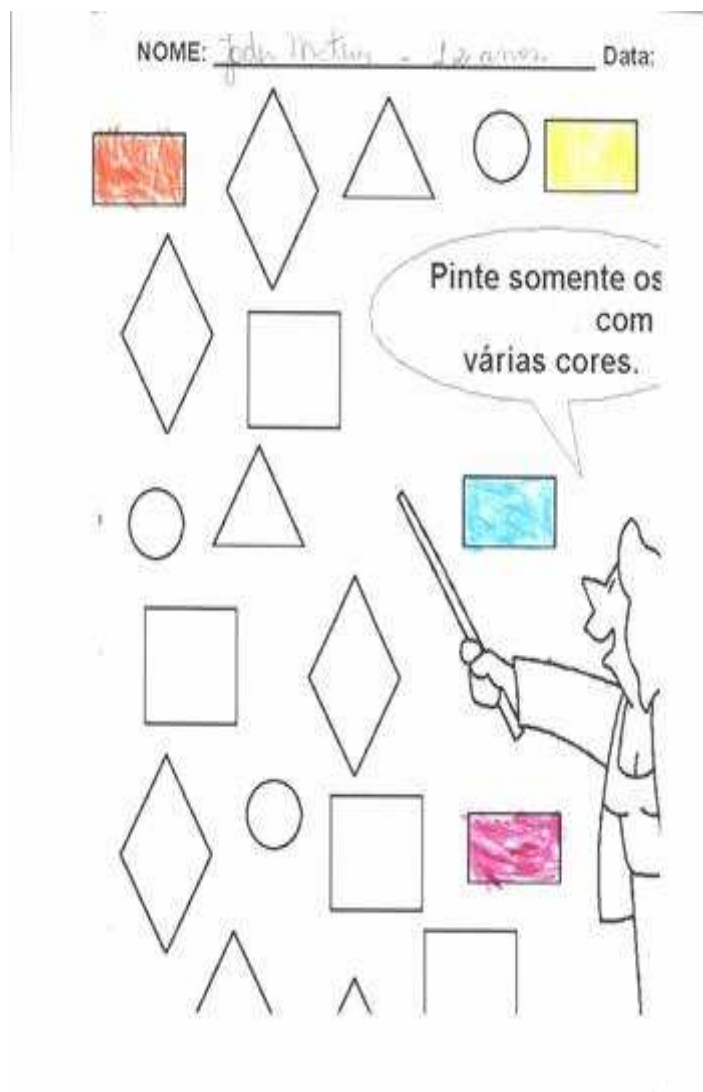


Figura 5. Atividade de figuras geométricas.

Em certo momento apresentou-se sonolento com indício de mal estar devido ao tratamento que havia submetido, então terminamos a atividade.

Como descrito no início deste diálogo, a criança citada possui características de uma criança especial, o que exigirá do pedagogo estratégias de intervenção pedagógica diferente para que o aluno desenvolva a atividade. A princípio levantamos dados com a mãe a respeito de sua escolaridade e de seu desenvolvimento na APAE o que nos possibilitou pensar na atividade a ser aplicada.

Fonseca coloca como ponto relevante no desenvolvimento do trabalho pedagógico do professor, a presença do acompanhante, pois sendo este a

pessoa que conhece a criança, facilita o andamento das atividades nas interações com o professor. (FONSECA, 2003.p.29).

Sendo a classe hospitalar constituída por alunos de várias etapas, em seu dia a dia o professor vai encontrar alunos com necessidades especiais de aprendizado e, é preciso que o pedagogo tenha técnicas e preparo para a abordagem no atendimento deste aluno. Por isso a necessidade de uma formação especializada como relatado no capítulo da formação de professores.

4.1.6 Intervenção com a criança Gian

Gian tem 5 anos de idade, não alfabetizado, morador na cidade de Arapongas - Pr, vem à Londrina para acompanhamento médico . De início mostrou-se resistente à nossa conversa respondendo com desconfiança, porém foi aos poucos se mostrando interativo e confiante. Para estabelecermos melhor interação propomos brincarmos com alguns joguinhos e concomitantemente estreitando a confiança para a intervenção.

- Olá tudo bem? Como é o seu nome?

Respondeu desconfiado continuando a brincar.

- Gian.

- Oi Gian será que podemos brincar com você? Vamos sentar ali na mesinha?

Após sentarmos o mesmo propôs brincar com um jogo matemático constituído por uma pizza dividida em seis pedaços e que ao juntá-los tornava um inteiro. Foi quando que fazendo parte da brincadeira fiz algumas perguntas.

- Quantos pedaços de pizza têm aqui?

Pedro contou os pedaços e depois me respondeu.

- 6 pedaços.

- Muito bem. Vamos tirar alguns pedaços e ver quanto fica.

Então, começamos tirando um pedaço de cada vez, e perguntando quanto ficava. Pedro mostrou ter entendido a dinâmica da atividade respondendo positivamente as perguntas.

Durante a brincadeira informamos que também tinha uma atividade para que ele fizesse. Gian perguntou.

- *Tia é um joguinho também?*

- *Sim é uma brincadeira bem legal. Vamos fazer?*

Então, escolhemos a atividade que consistia em identificar as horas em um relógio de cartolina e em seguida responder questões referentes à atividade diárias exercidas pela criança.

Pedro surpreendeu-nos, pois apesar de não freqüentar o espaço escolar o mesmo mostrou conhecimento a respeito do assunto e dos números, pedindo para que contássemos os números junto com ele apontando para estes com o dedo.

- *Tia conta comigo. 1.2.3.4.....*



Figura 6. Relógio

E, assim contou sucessivamente até chegar ao número 12. Em seguida pedimos para que fizesse a atividade explicando como era.

- *Gian neste desenho está pedindo para você desenhar os ponteiros do relógio na hora em que você dorme, acorda, almoça e vai para a escola.*

- Tia eu não vou para a escola.
- Tudo bem. Façamos de conta então.

Gian respondeu a atividade reproduzindo os três ponteiros do relógio.



Figura 6. Atividade que horas são?

Perguntamos:

- Por que você colocou três ponteiros?
- Tia, um é o grande e o outro é o pequeno.
- Muito bem? E este? Apontamos para o ponteiro dos segundos.
- Não sei tia.
- Então explicamos que era o ponteiro mais rápido do relógio.

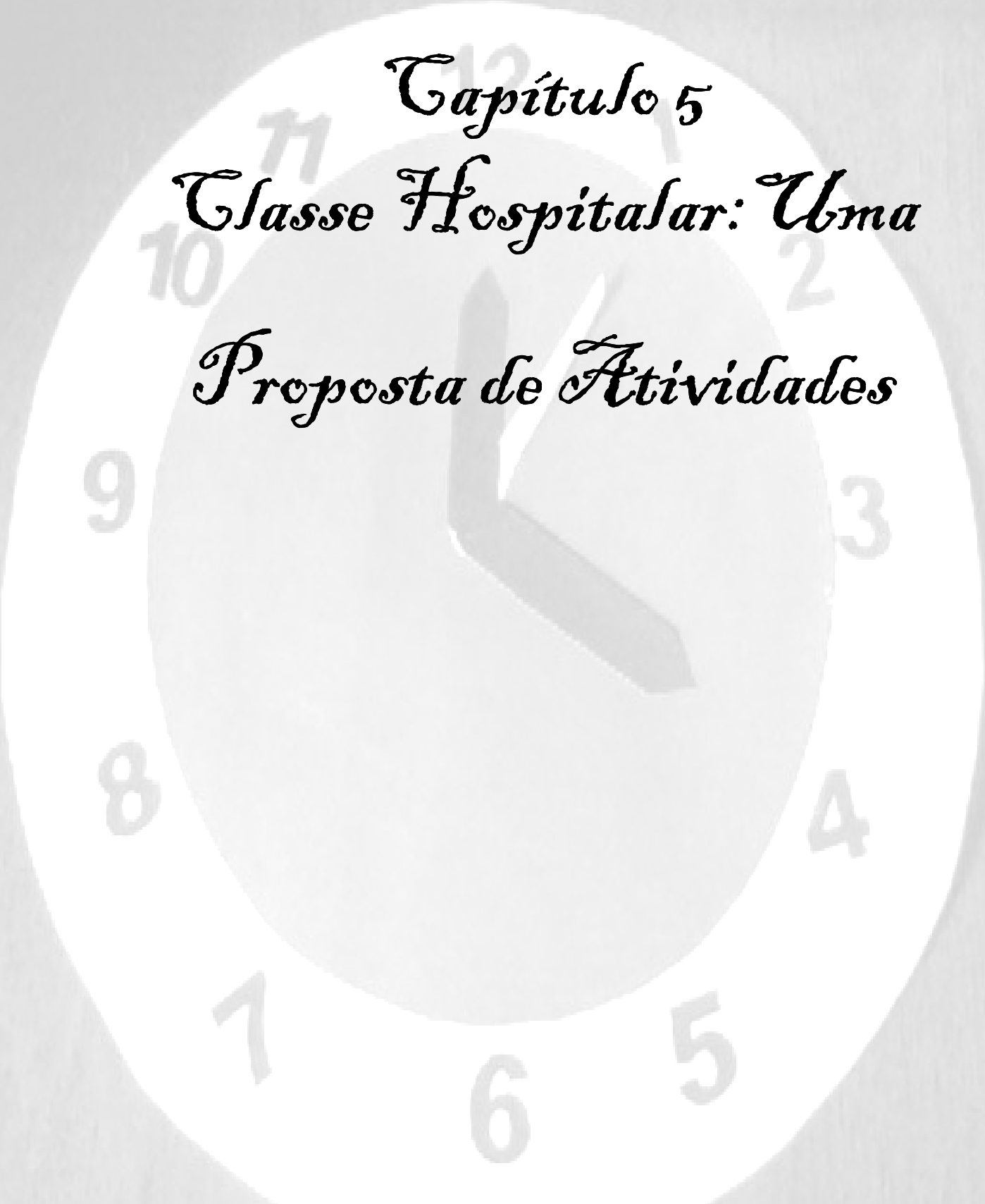
Para Ortiz “o conhecimento é construído com base em uma situação dialógica entre sujeitos cognoscentes, provendo a atividade intelectual, curiosidade, indagação e criatividade de quem busca o saber emancipador”. (ORTIZ, p.73.)

Segundo a autora ao reeducar o seu que-fazer o educador aposta no atendimento das necessidades intelectuais da criança hospitalizada, não se esquecendo da atividade lúdica como ferramenta metodológica, para atingir este princípio.

Enfatizamos, então, que embora essas crianças e adolescentes fiquem por um curto período nesse espaço do hospital, isso não significa que alternativas educacionais não possam ser implementadas nesse local. Alternativas estas que visem, principalmente, à prevenção de possíveis alterações no processo de desenvolvimento infantil, assim como a promoção desse processo. Com isso, as crianças e adolescentes e/ou acompanhantes irão diminuir o tempo ocioso que pode gerar angústia e pensamentos negativos relacionados à hospitalização, podendo, até mesmo, prolongar o período de permanência da criança e do adolescente no hospital (BATISTA, 2007).

Para a autora, esse tipo de atenção poderia facilitar ainda a interação entre as crianças hospitalizadas e a equipe do hospital, gerando uma maior confiança entre os mesmos, favorecendo assim a realização de procedimentos e exames. Além disso, sem dúvida, atingiriam diversas faixas etárias. Justifica-se tal necessidade, pelo fato de o processo de desenvolvimento infantil estar intimamente relacionado com brincadeiras e interações. A hospitalização não diminui a necessidade que a criança tem de brincar, no entanto, esta carência poderá provocar uma ruptura neste ciclo contínuo.

Por isso, essas crianças e adolescentes, sendo ou não escolares, necessitam receber atendimento especializado que possa estar auxiliando e também orientando os pais e/ou acompanhantes neste período delicado que é o adoecimento.



Capítulo 5
Classe Hospitalar: Uma
Proposta de Atividades

5.1. PENSANDO UMA PROPOSTA DE ATIVIDADES

Nossa intenção ao propor tais atividades das diferentes áreas de conhecimento do Ensino Fundamental é trabalhar conceitos de maneira lúdica e significativa, no intuito de desenvolver a memória, atenção, raciocínio lógico matemático, a construção de conceito de número, a identificação das figuras, a relação letra-som e tantos outros conhecimentos relativos a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, visando atender as necessidades destas crianças e adolescentes.

Destacamos que a proposta em questão, não é um receituário para o ensino e aprendizagem para crianças e adolescentes hospitalizados, e sim uma alternativa a ser desenvolvida nas classes hospitalares. Lembramos ainda, que cada classe, tem um contexto próprio, devendo, portanto, as idéias expostas aqui, caso sejam utilizadas, serem adequadas a cada situação especificidade de cada criança e adolescente.

Esta proposta foi encaminhada para Ong Viver, para contribuir nas intervenções junto às crianças e adolescentes desenvolvidas pelos estagiários voluntários dos diferentes projetos desenvolvidos neste espaço, inclusive colaborar para o projeto da professora Dra Cleide Vitor Mussini Batista que há anos vem desenvolvendo estudos, pesquisas e intervenções neste espaço,

Universidade Estadual de Londrina
CECA – Centro de Educação Comunicação e Artes.

Projeto de intervenção a serem aplicadas com crianças no espaço da Ong Viver como parte integrante da pesquisa de conclusão do curso de Pedagogia, tendo como tema Pedagogia Hospitalar.

Discente Estagiária - Maria Aparecida R de Macedo
Orientadora - Cleide Mussini Vítor Batista



Conhecimentos Gerais 3ª e 4ª série

Objetivo: Avaliar o conhecimento geral do aluno sobre vários conteúdos escolares.

Nome _____ Data _____

1) As partes da maioria das plantas são:

- a) Folha, caule, fruto.
- b) Flor e raiz
- c) Pólen e raiz
- d) Pétala e haste

2) Quantos pares de membros o corpo humano possui?

- a) 3
- b) 2
- c) 4

3) O satélite natural da terra é:

- a) Saturno
- b) Lua
- c) Júpiter

4) O conjunto de animais de determinada região é chamado de:

- a) Furna
- b) Flauta
- c) Fauna

5) Qual é o sentido que nos faz perceber frio ou calor?

- a) Olfato

b) Tato

c) Audição

6) O movimento da água do mar, essencial para do surf, é chamado de:

a) Corrente

b) Onda

c) Maré

7) Qual desses objetos não é cortante?

a) Flanela

b) Tesoura

c) Faca

8) Qual destes profissionais trabalha em um salão de beleza?

a) Cozinheira

b) Manicure

c) Mecânico

9) Qual animal tem o corpo coberto por listras?

a) Camelo

b) Zebra

c) Onça pintada

10) Não se escreve com X:

a) Encher

- b) Mexer
- c) Enxugar

11) É um meio de transporte aéreo:

- a) Avião
- b) Jangada
- c) Trem

12) Qual o antônimo de “velha”?

- a) Pequena
- b) Nova
- c) Anciã

13) Quantos dias têm duas semanas?

- a) 7
- b) 14
- c) 21

14) Uma caixa com 2 dúzias de lápis de cor contém:

- a) 18 lápis
- b) 24 lápis
- c) 48 lápis

15) Um homem correu 1.000 metros e seu rival , a metade, que é:

- a) 50 metros

- b) 500 metros
- c) 5000 metros

16) Como se escreve em algarismo romano o numeral 10?

- a) IX
- b) CIII
- c) X

17) Quem nasce na Bahia é:

- a) Paulistano
- b) Brasileiro
- c) Baiano

Disciplina: Português

Conteúdo: Leitura, ortografia e interpretação de texto.

Objetivo: Avaliar a escrita ortográfica do aluno, leitura e interpretação de texto, colocando a importância da nossa língua nas nossas relações diárias.

Nome _____ Data _____

Texto

Peixe-serra e Tubarão-martelo

_ Vamos construir um castelo?

_ Perguntou o tubarão martelo.

_ Só se for o mais lindo da terra!

_ Respondeu o peixe-serra.

_ Eu martelo, você serra!

_ Eu serro, você martela!

_ Eu martelo, você serra!

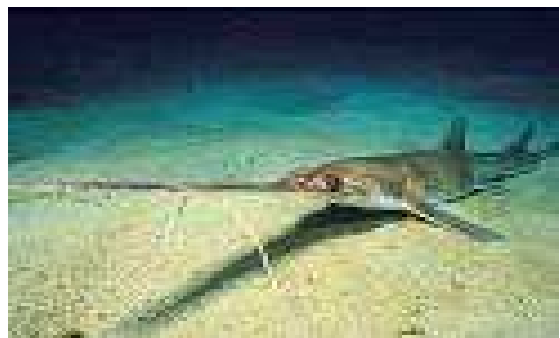
_ Eu serro, você martela!

_ E assim ficou pronto
um castelo muito legal
enfeitado com algas
e pintada de coral.

TUBARÃO MARTELO



PEIXE SERRA



Atividade

1. Escreva as palavras do texto que contém RR.

2. Qual o nome dos dois peixes do texto?

Disciplina: Matemática - Sistema de numeração decimal (2ª série)

Conteúdo: Classificação das Unidades Simples.

Objetivo: Avaliar o conhecimento do aluno a respeito da classificação das unidades simples.

Nome _____ Data _____

Procedimento: Completar com o número correspondente.

CENTENA	DEZENA	UNIDADE
2	3	9

Escreva o número correspondente, conforme o exemplo:

$$2 \text{ centenas} + 3 \text{ dezenas} + 9 \text{ unidades} = 239$$

- a) 2 centenas + 1 dezena + 7 unidades: _____
- b) 3 centenas + 9 dezenas + 0 unidade: _____
- c) 5 centenas + 7 dezenas + 1 unidades: _____

Disciplina: Matemática - (2ª série)

Conteúdo: Ordem crescente e ordem decrescente.

Objetivo: Avaliar o conhecimento do aluno sobre numeração crescente e numeração decrescente.

NOME _____ DATA _____

Observe a ordem das figuras:

Estas borboletas estão na ordem crescente, ou seja, da menor para a maior.



Aqui as borboletas estão na ordem decrescente: elas começam da maior para a menor.

Exemplos com números:

Ordem crescente. 12, 19, 23, 25

Ordem decrescente: 20,15, 11, 8

1) Complete a linha numerada abaixo com a escrita dos números que faltam na ordem crescente:

05, __, __, __, 09,10.

2) Continue escrevendo os números de 2 em 2, em ordem decrescente, começando do 22 até o 2.

22,20 _____

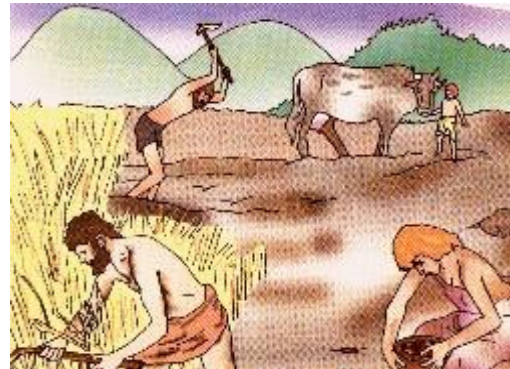
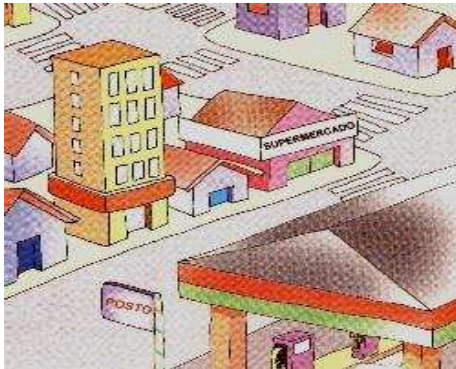
Disciplina: Geografia

Conteúdo: Zona rural e Zona urbana

Objetivo: Avaliar o conhecimento do aluno sobre zona rural e zona urbana.

Nome _____ Data _____

Escreva se o desenho representa a zona rural ou a zona urbana.



Disciplina: Ciências

Conteúdo: Classificação dos animais

Objetivo: Avaliar o conhecimento do aluno a respeito da classificação dos animais, e possibilitar um diálogo da constituição do mundo animal e de sua importância para os seres humanos e equilíbrio do meio ambiente.

Nome _____ Data _____

1) Ligue o animal à classe que ele pertence.

Peixe – boi	Peixes
Cobra	Anfíbios
Sapo	Aves
Jacaré	Mamífero
Bem-te-vi	Réptil
Raia	Anfíbios

2) Escolha um animal e faça um desenho bem bonito, depois pinte.

Disciplina: Português

- Conteúdo: ortografia e interpretação do desenho 1ª e 2ª série.

Objetivo: Avaliar a interpretação do aluno sobre o desenho e ortografia da palavra.

Nome _____ Data _____

Atividade: Escreva o nome das imagens e pinte depois com lápis colorido.









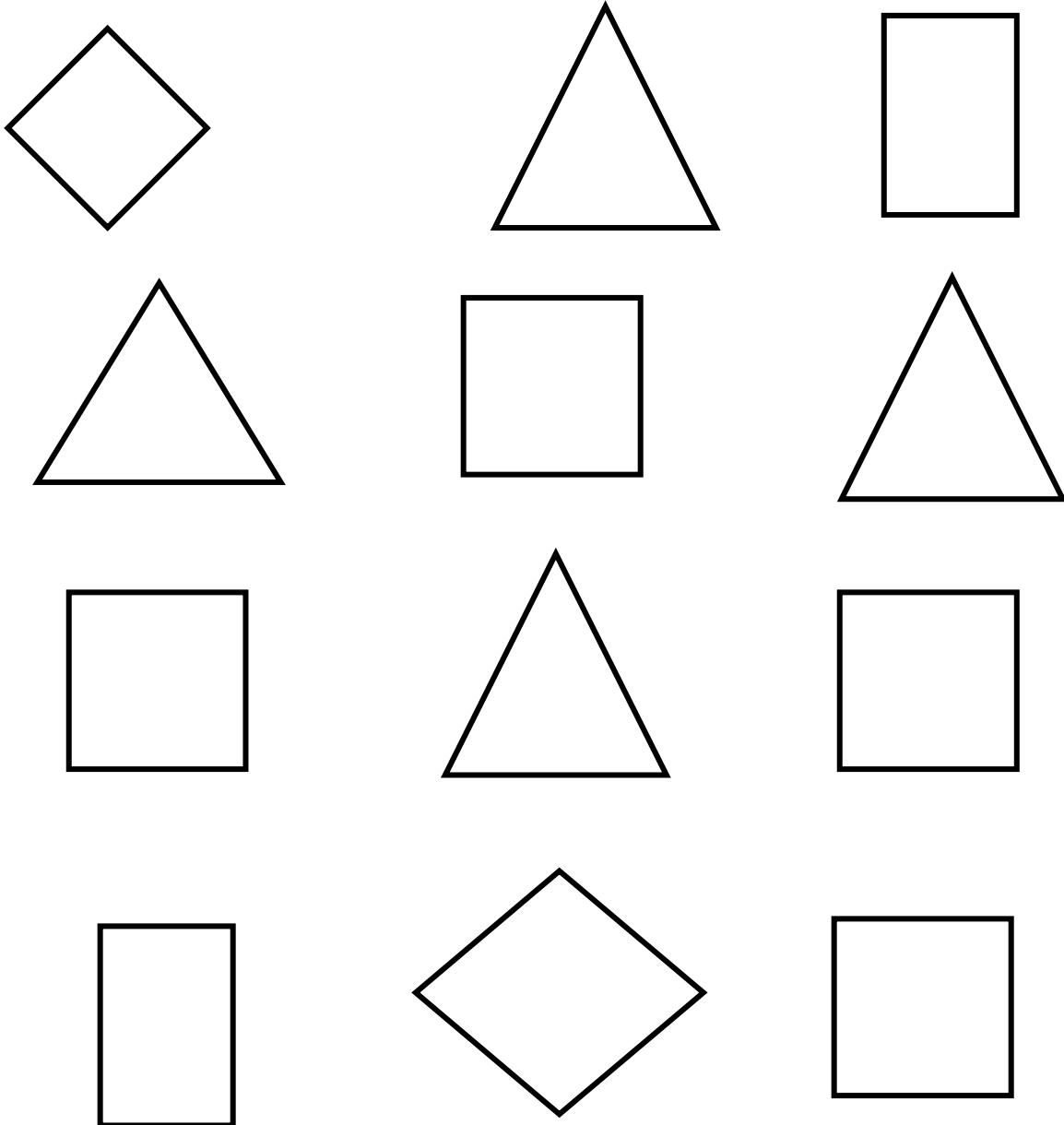
Disciplina: Matemática

- Conteúdo: Geometria 2ª, 3ª e 4ª série.

Objetivo: Avaliar o conhecimento do aluno sobre as formas geométricas.

Nome _____ Idade _____

Pinte somente os triângulos com varias cores.



Disciplina: Matemática

- Conteúdo de 1ª e 2ª séries

Objetivo: Fazer com que o aluno tenha a percepção do tempo e de como ele se constitui e as suas ações diárias durante a passagem das horas.

Nome _____ data _____

QUE HORAS?

- Coloque ponteiros nos relógios, marcando a hora em que você faz essas atividades:



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, desenvolvida como Trabalho de Conclusão para Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina, resulta dos questionamentos a respeito da Pedagogia Hospitalar e da Formação do profissional Pedagogo neste contexto.

Por meio deste estudo pudemos investigar de maneira prática e teórica a importância das classes hospitalares, e a sua contribuição para a educação como elemento de continuidade e até mesmo em muitos casos de início da escolarização para crianças e adolescentes.

O pedagogo tem um papel fundamental na sociedade visto que este é o profissional que tem formação para trabalhar com a educação, conhece os seus problemas e suas contextualizações. Na discussão sobre sua formação nesta pesquisa, verificamos a necessidade deste nos espaços hospitalares, que há uma especificidade deste profissional considerando o espaço de atuação, e variedade de profissionais com os quais mantém relacionamento exigindo deste profissional flexibilidade de trabalho e respeito aos limites de cada área. Um dos aspectos mais importantes deste trabalho foi à verificação de que as classes hospitalares devem estar voltadas para a continuidade dos conteúdos escolares, porém o trabalho desenvolvido deve se nortear na escuta pedagógica como defende Ceccim (1997).

Certamente não é possível esgotar o tema visto que se trata de um campo novo para a educação, porém se faz necessário se desenvolver mais pesquisas e estudos diante desta nova realidade social, política e econômica, bem como discutir tal temática na graduação de Pedagogia por meio de oferta de disciplina que a contemple.

Como enfatizado no decorrer deste trabalho a Pedagogia Hospitalar e as classes hospitalares tem um papel fundamental no resgate da cidadania, cabendo aos órgãos governamentais a implementação de forma satisfatória.

Buscamos também neste trabalho buscar as leis que fundamentam as classes hospitalares como a Declaração de Salamanca, a LDB e a lei 9394/96, as políticas de Educação Inclusiva e outras.

O objetivo principal deste trabalho como apresentado nos objetivos e no problema de pesquisa, foi verificar a formação do pedagogo para a sua atuação em uma classe hospitalar. A partir de todo o trabalho realizado tanto teórico quanto

de estágio podemos concluir que a pedagogia hospitalar e as classes hospitalares são importantes para a atuação do pedagogo, bem como um campo de trabalho que se abre e, que sua formação demanda não só os conhecimentos adquiridos em graduação e pós-graduação, mas este profissional deve desenvolver uma escuta pedagógica nestes espaços, onde a dor e o sofrimento são constantes.

Devemos considerar como reflexão a falta de interesse dos nossos governos estadual e municipal e até mesmo dos hospitais em tornar a implantação das classes hospitalares uma realidade em todos os espaços, garantindo o direito das crianças hospitalizadas em dar seqüência em seus estudos quando permanecer fora da classe regular.

De maneira geral a pesquisa contribuiu para o entendimento do papel do pedagogo e da educação para os indivíduos, principalmente, aqueles que por um motivo de saúde ficam fora deste contexto, dar-se aí a importância das classes hospitalares e a formação do pedagogo para esta realidade.

As intervenções realizadas constituíram-se em um elemento importante para o resultado desta pesquisa. A atuação junto às crianças e adolescentes que se encontravam em tratamento, possibilitou um acompanhamento desta realidade, confirmando também a necessidade do pedagogo no hospital, visto que as necessidades educacionais da criança e adolescentes internados também devem ser respeitadas e priorizadas.

Desta forma ao longo do estudo pude perceber que a pedagogia hospitalar é importante para a recuperação da criança e do adolescente internados fundamental no seu processo de ensino aprendizagem compreendendo o seu acompanhamento durante este período. Dentro do hospital e de sua dinâmica a classe escolar é um espaço pedagógico com propostas educativas e escolares para a criança e o adolescente, que se apropriando do conhecimento sistematizado assegura a manutenção dos vínculos escolares, se torna um espaço de interação social, atuando na prevenção do fracasso escolar, que para a criança é tão traumatizante quanto à doença.

A presença do profissional pedagogo no hospital pode colaborar muito positivamente na educação das crianças e adolescentes internados, desde que sua presença seja compreendida como uma possibilidade de desenvolvimento de trabalho em parceria, sem hierarquizações, de mãos dadas com os demais profissionais.

Assim, segundo Batista (2007) o trabalho do profissional pedagogo no hospital requer capacidade para lidar com as diferenças, respeito às condições culturais e existenciais das pessoas sem discriminá-las. Faz-se necessário também entender os diferentes ritmos de progressão dos alunos, dos procedimentos, dos contratos pedagógicos e elaborar atividades que contemplem tanto a variação de idades dos alunos, bem como a diversidade relacionada às histórias de vida e das suas escolas. Pelo fato da permanência das crianças ser cíclica, devido às internações e altas hospitalares, o professor também precisa saber lidar com a alternância dos alunos e imprevisibilidade.

Finalizando este trabalho podemos ressaltar que embora a formação do pedagogo para a atuação em classe hospitalar ainda precise ir além da especialização, a sua contribuição para a educação é de fundamental importância, pois além de ocupar-se deste espaço a sua presença nas classes hospitalares reassignifica este espaço por meio da linguagem, do afeto, das interações sociais que este pode propiciar. Portanto, a pedagogia hospitalar e a formação do pedagogo para esta realidade é de fato imprescindível e carece atenção.

7 REFERÊNCIAS

AROSA, Armando C, SCHILKE, Ana Lúcia. (org) A escola no Hospital: espaços de experiências. Niterói, RJ: Ed. Intertexto, 2007.

BATISTA, C.V.M. A criança enferma e o jogo simbólico. Estudo de caso. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2003.

BATISTA, C.V.M. A brincadeira simbólica e a criança enferma: quando brincar é viver. Tese de Pós-Doutorado. Universidade Estadual de São Paulo. São Paulo, 2005.

BATISTA, C.V.M. Classes hospitalares. In: Anais do Congresso Multidisciplinar de Educação Especial. Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2007

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Educação. São Paulo: Ed. Braziliense, 46ª reimpressão 2005.

BARROS; SOARES Alessandra Santana. Contribuições da educação profissional em saúde à formação para o trabalho em classes hospitalares. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ccedes/v27n73/02.pdf. Acesso em: 02 fev.2009

CALEGARI, Aparecida Meiri. As inter- relações entre educação e saúde: Implicações do trabalho no contexto escolar.

Disponível em:< www.diaadiaeducação.pr.gov.br/portals/portal/educaçãohospitalar/pdf/tesecompleta>. Acesso em 26 set.2009

CECCIM, R. B.; CARVALHO, P. R. A. (orgs). Criança Hospitalizada: atenção integral como escuta à vida, Porto Alegre: UFRGS, 1997.

CECCIM, Ricardo Burg. Classe Hospitalar: encontros da educação e da saúde no ambiente hospitalar. Revista Pátio, p. 41 -44 n.º 10 ago/out1999. Disponível em <www.cerelepe.faced.ufba.br/arquivos/fotos/84/classehospitalarceccimpatio.pdf> Acesso em 04 ago.2009.

CECCIM, R. B. & Fonseca, E.S. (1998). *Classes hospitalares no Brasil*. Relato escrito da reunião de trabalho na classe hospitalar do Hospital Municipal Jesus. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Saúde / Hospital Municipal Jesus. Disponível em:

<www.smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-educacao-saude/classes-hospitalares/WEBARTIGOS/classe%20hospitalar%20-%20aspecto%20da%20relacao%20professor-aluno.pdf> Acesso em 22 set.2009.

ESTEVES, Claudia R. Pedagogia Hospitalar: um breve histórico. Disponível em: <www.smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espacoeducacaosaude/classeshospitalares/WEBARTIGOS/PEDAGOGIA%20hospitalar...pdf> Acesso em 28 set.2009.

FONTES, Rejane de S. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. Dissertação de mestrado em Educação-Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2003
Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n29/29a10.pdf>>. Acesso em 12 mar. 2009.

FONSECA, Eneida Simões da. Atendimento escolar no ambiente hospitalar. São Paulo: ed. Memnon, 2003

GIL, Antônio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GUIRALDELLI, Paulo Junior. O que é Pedagogia. 6ª edição. São Paulo: Ed. Braziliense, 1991.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e Pedagogos para Quê? 4ª edição. São Paulo, Cortez, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e Pedagogos para Quê? São Paulo, Cortez, 1998, p. 64- 75

MATOS, Elizete Lúcia Moreira, MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde. Petrópolis RJ: Ed. Vozes, 2006.

ORTIZ, Leodi Conceição Meireles; FREITAS Soraia Napoleão. Classe hospitalar: um olhar sobre sua práxis educacional. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/PESQUISA/BBE-ONLINE/det.asp?cod=57131&type>
Acesso em 14 jun. 2009

PALHARES, Marina Silveira, MARINS, Simone Cristina Fanhoni (org). Perspectiva para a Construção da Escola Inclusiva no Brasil. IN _____ Escola Inclusiva. São Carlos: EDUFSCAR, 2002. p 61

PIMENTA, Selma Garrido. (Org.). Pedagogia Ciência da Educação? São Paulo: Cortez, 1996.

SAVIANI, Demerval Saviani. Pedagogia: O espaço da educação na universidade. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n130/06.pdf>> Acesso em 27 set.2009 às 10h00min

SITES PESQUISADOS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n.º 9394/96 de 20/12/1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>> Acesso em 23 abr. 2009.

_____.Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.Resolução CNE/CBE n.º 2 de 11/09/01.
Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em 09 abr.2009.

_____.Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar:estratégias e orientações. Disponível em: <http://.mec.gov.br/sessp/pdf/livro09.pdf>. Acesso em: 14 set.2009.

_____.Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial. Brasília, MEC.SEESP, 1994.

Deliberação do Conselho Estadual de Educação. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducação.pr.gov.br/portals/portal/educaçãohospitalar/legislação>> Acesso em 11 set.2009.

PNHAH-Programa Nacional de Humanização Hospitalar. Disponível em: <<http://bvms.saude.gov.br/bvs/publicações/pnaha01pdf>>. Acesso em 17 abr. 2009

<<http://www.google.imagem.com.br>> acesso em: 15 jun. 2009.

<http://www.imagem.eti.br_atividades_educativas/escolar> Acesso em 19 maio. de 2009.